

Universidades Lusíada

Chaves, Mário João Alves, 1965-

**S = P + A + P : Societas = philosophia +
architectura + progressio : a sociedade como
resultado da ação semiótica da filosofia, da
arquitetura e do progresso, a cada tempo**

<http://hdl.handle.net/11067/7830>

<https://doi.org/10.34628/T6AZ-RW66>

Metadados

Data de Publicação	2025
Editor	Universidade Lusíada Editora
Tipo	book
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ILID-CITAD] Livros

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T23:02:50Z com
informação proveniente do Repositório



Mário Chaves

$$S = P + A + P$$

Societas = philosophia + architectura + progressio

A sociedade como resultado da ação semiótica da
Filosofia, da Arquitetura e do Progresso, a cada tempo



Lisboa • 2025





CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

CHAVES, Mário João Alves, 1965-

S = P + A + P : Societas = philosophia + architectura + progressio : a sociedade como resultado da ação semiótica da filosofia, da arquitetura e do progresso, a cada tempo / Mário Chaves. - Lisboa : Universidade Lusíada Editora, 2025.
ISBN 978-989-640-285-3

1. Arquitetura - Filosofia
2. Arquitetura e sociedade

CBC NA2500.C43 2025

Ficha Técnica

Autor	Mário João Alves Chaves	ISBN 978-989-640-285-3
Título	S = P + A + P: Societas = philosophia + architectura + progressio: a sociedade como resultado da ação semiótica da filosofia, da arquitetura e do progresso, a cada tempo	
Localização	Lisboa	Depósito Legal *****/25
Ano	2025	DOI https://doi.org/*****
Apoio	Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto <UIDB/04026/2020>, com o identificador DOI <10.54499/UIDB/04026/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04026/2020)>	
Editora e distribuição	Universidade Lusíada Editora Rua da Junqueira, 188-198 — 1349-001 Lisboa • Telefone: +351 213 611 560 URL: http://editora.ulusiada.pt • E-mail: editora@lis.ulusiada.pt	
Capa	Pedro Gama	Paginação João Paulo Fidalgo
Impressão e acabamentos	Estria – Produções Gráficas, Lda. Rua Torcato Jorge, N.1 Subcave 2675-359 Odivelas Tel.: 219 385 669 • Tlm.: 934440341	
Tiragem	150	
Permutas	Casa do Conhecimento da Universidade Lusíada Rua da Junqueira, 188-198 – 1349-001 Lisboa Telefone: +351 213 611 560 • E-mail: cdc@ulusiada.pt	

© 2025, Fundação Minerva — Cultura — Ensino e Investigação Científica | Universidade Lusíada

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida por qualquer processo eletrónico, mecânico ou fotográfico incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia da Editora.

Os textos que constituem esta obra seguem, por decisão dos respetivos autores, a antiga ou a atual grafia.

O conteúdo desta obra é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não vincula a Universidade Lusíada.

Distribuição gratuita. Não é permitida a sua comercialização.



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO





SUMÁRIO

A sociedade como reflexo da Filosofia, Arquitetura e o Progresso	5
Arquitetura como Expressão da Sociedade.....	9
Janus, o tempo e a memória	17
Arquitetura Helénica, as Cidades Estado Gregas e Sócrates.....	19
A Arquitetura Helénica, Aristóteles, Alexandre e Epicuro.....	22
Arquitetura Romana Imperial e Santo Agostinho de Hipona	25
Arquitetura Gótica e São Tomás de Aquino.....	30
Arquitetura Renascentista, Cidades-Estado e Maquiavel	36
O erudito Athanasius Kircher	39
Athanasius Kircher e a Torre de Babel.....	44
Arquitetura Barroca e Voltaire.....	47
Immanuel Kant e o Neoclassicismo.....	50
Friedrich Hegel e o Neoclassicismo	53
Arquitetura Neoclássica em Itália e Schopenhauer	57
Arquitetura Vitoriana e Karl Marx	61
Arquitetura Vienense e Friedrich Nietzsche	65
Freud e a descoberta do inconsciente e influência na arquitetura.....	69
Modernismo e Heidegger; fenomenologia do habitar	74
Arquitetura modernista na sociedade existencialista.....	80
Philip Johnson; o arquiteto líquido	91
$S = P^2 + A^2 + P^3$ - A arquitetura na Sociedade Flexiexistencialista	94
Beleza, Técnica e Funcionalidade: uma triangulação essencial	98
O labirinto filosófico e a complexidade da existência	102
A ideia de progresso pelos arranha-céus	109
Arquitetura e Filosofia em progresso.....	112
Arquitetura, ensino e IA	115
Arquitetura reparadora e redentora	118
Identidade, Inteligência, Intuição: o trio maravilha	122







A sociedade como reflexo da Filosofia, Arquitetura e Progresso

A história da humanidade é marcada por transformações sociais, culturais e políticas, refletidas não apenas nas ideias que moldam o pensamento coletivo, mas também nos espaços que os cidadãos constroem e habitam. A filosofia, como busca pela compreensão do mundo e da condição humana, influencia diretamente o mundo e da condição humana, influencia diretamente o modo como as sociedades interpretam os seus valores e o conceito de progresso. A arquitetura, por seu modo, materializa essas ideias, tornando visíveis os avanços, as preocupações e as ambições e vaidades da sua época. Toda a sociedade é inevitavelmente definida, caracterizada e revelada pela sua filosofia, arquitetura e sentido de progresso.





Desde a alvorada da civilização até à contemporaneidade, o diálogo entre estes elementos tem sido uma constante, moldando não apenas o espaço físico, mas também o espaço mental e simbólico que define o ser humano enquanto membro de uma entidade civilizacional.

A Filosofia como fundamento da Sociedade

A filosofia, ao fornecer um quadro de ideias e valores, é o ponto de partida para a organização e desenvolvimento das sociedades. Desde a origem civilizacional, pelo pensamento as concepções filosóficas influenciaram sempre os modos de governo, cultura, ética, moralidade religião, que se concretizam pela arquitetura, no modo físico como os cidadãos percebem a natureza do progresso que a civilização exige continuamente; sem progresso, sem a aceleração vertiginosa, as sociedades estagnam e entram em declínio. A filosofia define os valores centrais de cada civilização, conduzindo pelo pensamento coletivo o modo como se organiza, estrutura e interpretam o progresso. Cada ideia filosófica gera uma manifestação concreta no comportamento e nas estruturas de poder, controlo e organização que compõem a vida social e coletiva.

Antes da Idade moderna, iniciada no Iluminismo e abruptamente iniciada com a Revolução Francesa, três grandes ideias filosóficas trespassaram os tempos; nas civilizações mais antigas – Egípcia, Suméria, Babilónica, Persa, a filosofia teocrática organizava a sociedade sob a crença na eternidade e na personificação do poder divino; esta visão guiou todas as práticas sociais, como na construção das pirâmides, zigurates e outras formas poderosas que simbolizavam uma ligação plena entre o homem e o divino, o tangível como o intangível.

Na península helénica, vulgo Grécia Antiga, a filosofia formou a democracia ateniense, onde pensadores como Sócrates, Platão e Aristóteles, procuraram entender a ética, a política e a natureza do conhecimento. A ideia do *logos* influenciou diretamente a sociedade e a arquitetura, refletindo-se na busca pela harmonia, equilíbrio e plenitude com a ágora.





Os templos, de dimensões precisas, vindas da geometria e da aritmética, evidenciavam um novo rigor de forma e substância. Na Idade Média, o teocentrismo cristão moldou o pensamento medieval, e filósofos como Santo Agostinho de Hipona e São Tomás de Aquino, desenvolveram ideias e ideais, que fundiram fé e razão. A arquitetura românica nas suas formas tectônicas e a arquitetura gótica nas suas catedrais elevadas para reterem a luz, procuraram uma busca espiritual, simbolizando a ascensão da alma em direção ao divino.

A filosofia tem definido os valores centrais de cada sociedade e civilização, guiando o modo como organizaram e interpretaram o progresso; cada ideia filosófica gerou uma manifestação concreta no comportamento e nas estruturas, sistemas e instituições que compuseram a plena vida coletiva.

A interação entre sociedade, filosofia e arquitetura tem moldado a nossa história, refletindo valores culturais, sistemas de crenças e estruturas políticas. Cada idade histórica, conta a sua estória, trazendo contribuições significativas e únicas para com o entendimento de como os cidadãos viveram, pensaram e construíram. A filosofia, enquanto busca incessante pela compreensão do mundo e da condição humana, amplamente estudada por Platão, orientou não só as vertentes das sociedades, mas também o modo como estas se expressaram através da arquitetura.

Valor da arquitetura para as sociedades

A arquitetura preserva e promove a identidade cultural, refletindo a história, tradições e património material, por construções que são testemunhos tangíveis do passado, contribuindo para a memória coletiva e o orgulho identitário e comunitário. O bem-estar social da qualidade dos espaços e formas arquitetónicas, afeta diretamente o bem-estar dos cidadãos. Projetos que considerem aspetos como a qualidade da iluminação natural, ventilação, acústica, ergonomia, certificação energética, sustentabilidade, energia renovável, economia circular, melhoram a qualidade de vida direta dos ocupantes e indireta da sociedade. A arquitetura sustentável que visa reduzir o impacto ambiental dos edifícios através do uso eficiente dos escassos recursos,





através de materiais reciclados e ecológicos e de energias renováveis, é crucial para a preservação do meio ambiente e para a promoção de práticas sustentáveis nas sociedades. Não é uma questão de moda, é de bom senso e oportunidade.

A arquitetura expressa também fortemente a imagem das instituições, na sua reputação, identidade e prestígio. Instituições, públicas e governamentais, sedes corporativas, entidades disruptivas, universidades e serviços culturais, requerem edifícios projetados que transmitam a sua identidade, poder, inovação, estabilidade e confiança, instituições que investem também na acessibilidade e inclusão, investem também em promoção de arquitetura que demonstre o seu compromisso com a diversidade e a igualdade, promovendo e melhorando a sua imagem pública e a sua plena aceitação pela comunidade.

A resolução de problemas funcionais, exige uma eficiência operacional, em que o bom desenho arquitetónico, resolve problemas funcionais ao otimizar o uso do espaço, facilitando os fluxos de trabalho e melhorando a eficiência operacional. A disposição dos escritórios, a localização das salas de reunião e o design dos espaços comum influenciam a produtividade, a adesão dos colaboradores e a comunicação interna. A flexibilidade e adaptabilidade, de modos de projeto flexíveis, permitem que os espaços sejam reconfigurados para atender a diferentes necessidades ao longo do tempo, prolongando a vida útil e evitando a rápida obsolescência física, funcional e económica, com reformas dispendiosas.

A arquitetura desempenha um papel crucial na formação da identidade cultural e permanece como o valor duradouro de património nas sociedades.





Arquitetura como Expressão da Sociedade

A arquitetura é o testemunho físico das ideias, valores e ambições das sociedades; também da sua ganância e da sua vaidade. Mais do que uma arte aposta à construção, a arquitetura é um meio através do qual as civilizações se expressam e, simultaneamente definem o modo e o meio de vida coletivo.

No Egito e Mesopotâmia, a monumentalidade das pirâmides e zigurates, evidenciou o poder divino manifestado terreno, refletindo a hierarquia rígida e a centralidade da religião na vida quotidiana.

No Egito, a arquitetura refletiu a crença na eternidade pelo poder divino do faraó. A sociedade profundamente hierarquizada e teocrática, sustinha-se na religião que permeava todos os aspetos da vida social e política.





No conceito filosófico, a vida após a morte era central; as pirâmides, mastabas e outros túmulos encerravam a busca pela eternidade, associada à preservação do corpo e da alma. Imhotep, considerado verdadeiramente o primeiro arquiteto da história, revelou o seu engenho na pirâmide de Gjoser, unindo engenharia e espiritualidade.

Na Mesopotâmia, as cidades estado como Ur e Babilónia, construíam zigurates para conectar o espaço terreno aos céus que os astrónomos e astrólogos mapeavam, e como lei fundamental o Código de Hamurabi, desempenhou um papel central na estruturação da sociedade, sendo que o zigurate de Ur o exemplo correto da elevação que a arquitetura suméria concedia ao poder terreno.

Na Grécia clássica, a construção de ágoras e templos, evidenciou a importância da razão, do debate público e da busca pela perfeição geométrica, numa escala humana de proximidade aos heróis do Monte Olimpo. O desenvolvimento da razão e da democracia, refletiram-se na evolução política, sendo o centro social a Ágora, numa interação entre filosofia e prática democrática.

Na filosofia, Sócrates enfatizou a ética e o questionamento, em que a sabedoria começa no reconhecimento da ignorância, foco na ética e na virtude, enquanto Platão explorou as ideias da condição humana, o mundo ideal e o mundo sensível, na busca da perfeição através da razão e Aristóteles que valorizou a ética e o equilíbrio, na lógica e observação científica, na finalidade das coisas - *teleologia*. Os edifícios religiosos e sociais, em que se valoriza mais a filosofia que os deuses heróis caprichosos e volúveis, buscavam um ideal de ordem e harmonia, que provinha também dos extraordinários avanços da geometria e aritmética de Pilágoras, Euclides e da sabedoria dos arquitetos Ictinos e Calícrates

Na Roma Imperial, a arquitetura civil e religiosa, foi amplamente utilitária e monumental, numa ordem de escala de Roma para o Império, representado o pragmatismo e a grandiosidade do Império, do qual Vitruvius em '*Da Architectura*' soube parametrizar nas três grandezas constituintes e concorrentes para o sucesso da arquitetura – *Beleza, Utilidade, Solidez*. Roma entendeu o progresso como expansão e domínio, materializado na urbanização reconhecível dos seus territórios conquistados e integrados.





A expansão territorial do Império, estruturada e consolidada, resultou a partir de um inegável pragmatismo político, vontade de podere importantes inovações técnicas. A arquitetura serviu para consolidar o poder do império, para o integrar, normalizar e ampliar, promovendo infraestruturas e elementos urbanos que conectaram territórios e populações, distintas e variadas. Como pensamento filosófico, herdaram e importaram muita da filosofia helénica, em que no Panteão, as divindades helénicas, quiseram mudar de morada, de personagem e roupagem; o estoicismo de Séneca e Marco Aurélio, realçaram a importância do auto controlo e do dever, o epicurismo de Epicuro e Lucrécio na busca da felicidade através do prazer, e, de Cicerão em que a oratória e a filosofia prática é alocada ao serviço da política, conseguiram ser o pensamento original, que pelo dever cívico, se veio a consolidar o fundamental direito romano.

Na Europa Medieval, o teocentrismo moldou o pensamento filosófico e a arquitetura que se pronunciava predominantemente na religiosa – igrejas e mosteiros e no militar – castelos e fortalezas, foi amplamente sustentada pela argumentação de Santo Agostinho de Hipona em que a fé era necessária para compreender o Mundo, e São Tomás de Aquino foi visionário trazendo a integração de Aristóteles na teologia cristã, preconizando o seu valor para o inevitável renascimento de quatrocentos.

O estilo Românico assumiu construções robustas, de paredes sólidas e abóbodas em berço, numa expressão austera de estabilidade e segurança. O estilo Gótico elevou-se em busca da luz do Espírito Santo, em que por arcos ogivais e vitrais, ansiaram pela ascensão espiritual. A arquitetura religiosa regia o centro da vida comunitária, numa perceção heliocêntrica, que Ptolomeu tinha preconizado.

O Renascimento de Quatrocentos, repôs o ideal clássico, resgatando os princípios e o vocabulário clássico, enfatizando a simetria, a proporção e a dignidade das construções para com um ideal de homem novo, no qual Brunelleschi e Alberti se souberam representar.

O Renascimento trouxe uma renovada ênfase à capacidade de o homem ser a medida de todas as coisas e circunstâncias – a redescoberta do antropocentrismo e do entendimento das ciências. O humanismo, representado por Erasmo de Roterdão e Giovanni Pico della Mirandola,





celebrou o potencial humano; Nicolau Maquiavel, por sua vez, explorou a política de modo pragmático e veio a definir o modo como o poder absoluto se veio a veicular à sociedade. O mecenato concorrencial das cidades-estado italianas foi um motor poderoso de progresso da arquitetura como expressão maior do poder político materializado na sociedade.

O Barroco, em contraponto à pureza e ao equilíbrio Renascentista, quis expressar o movimento, a teatralidade e a emoção, que as novas disciplinas do conhecimento do Mundo proporcionaram e refletindo as tensões religiosas e o absolutismo monárquico. A arquitetura barroca serviu também para exaltar o poder e uma ordem estabelecida, estática e sólida.

Na sua grandiosidade e teatralidade, o barroco expressou a capacidade de ultrapassar a Contra Reforma e dar legitimidade ao Absolutismo, corporizando a complexidade emocional e espiritual da época; a arquitetura barroca conectava-se à teatralidade multidimensional de uma nova conceção do Cosmos. Bernini e Lorenzo Borromini, enfatizaram na perfeição que o Barroco exigia, esse evidente movimento e dramatismo que o conhecimento do Cosmo proporcionava por Kepler e Copérnico. O pensamento filosófico de Spinoza, Descartes na primazia da razão e do ser – Penso, logo existo, e de Voltaire na defesa da liberdade e da tolerância, prepararam o caminho sinuoso do Iluminismo.

O Neoclassicismo do século XVIII, a arquitetura representou o retorno à razão, inspirado pelos valores iluministas, que na linguagem clássica, os edifícios refletiram o grande impulso na idade do progresso e da ordem científica.

O Iluminismo consolidou a crença absoluta na razão como guia para o progresso, em que os valores da Revolução Francesa estabeleceram o ponto de não retorno entre o Regime Antigo e a Idade Moderna. No pensamento filosófico Emmanuel Kant explorou os limites do conhecimento, da ética racional e da moralidade e Hegel viu a história como o motor de progresso e busca pela liberdade. O retorno à pureza estática da linguagem clássica Romana, alicerçou os princípios de ordem e progresso do pensamento iluminista. Na Era Industrial do século XIX a indústria pela pré-fabricação induziu a noção preponderante do funcionalismo e utilitarismo, para com a sua principal invenção tipológica, a fábrica.





A industrialização transformou as sociedades e o capital transformou o pensamento filosófico e os filósofos questionaram o impacto do capitalismo e da vinda da luta de classes na sociedade novecentista.

Karl Marx entendeu a alienação da classe trabalhadora e a sua contribuição para o sistema capitalista; Nietzsche desafiou os valores tradicionais, promovendo uma visão além do bem e do mal. A burguesia industrial e comercial construiu uma arquitetura opulenta, na qual à época Vitoriana e Hausmaniana se exportaram para toda a Europa, e excessiva em contraste com a austeridade deprimente dos bairros operários; a crescente capacidade da pré-fabricação e o domínio do ferro e do vidro, almejavam promover novos edifícios de expressão industrial que deram corpo a toda uma nova geração de funções que se descobriam com o domínio do vapor e do calor.





O Modernismo do século XX e pós 1ª Guerra Mundial, abandonado o Academismo, que representava a idade anterior burguesa que conduziu o Mundo à tragédia, afirmou uma expressão formal simples e funcional, alinhada com a filosofia existencialista e a crença na Modernidade sólida como progresso inevitável.

A rutura com os estilos históricos, focando-se na funcionalidade e na inovação, foi relevante, dotando a sociedade de capacidades para rápida transformação que o domínio da energia elétrica proporcionava e que foi inerente à descoberta da teoria da relatividade geral de Einstein e do princípio da incerteza de Heisenberg.

Nos pós 2ª guerra mundial, o pensamento filosófico derivou para o Existencialismo de Martin Heidegger e Jean Paul Sartre, em que exploraram a dualidade da liberdade e a angústia da condição humana e Foucault criticou as estruturas de poder. A arquitetura desempenhava o seu papel, de minimalismo formal onde a forma seguia a função e a beleza estava relegada, depois das atrocidades da guerra.

No Pós-Modernismo, desafiou-se os princípios rígidos do Modernismo, valorizando-se a pluralidade de formas, refletindo a complexidade e diversidade das sociedades contemporâneas, alicerçadas pela modernidade líquida, ampliada pela revolução digital.

Este pluralismo, que se acentuou no final do século com a globalização física e virtual, incorporou a diversidade e a disrupção como fator de progresso, em que a filosofia desconstrutivista de Jacques Derrida influenciou a dúvida existencial da modernidade líquida, baseada em Darwin, ou se é flexiexistencialista ou não se sobrevive, ao próximo nível do jogo.

A arquitetura, enquanto reflexo direto das filosofias e contextos políticos e históricos, revela o sentido de ser, estar e permanecer que cada sociedade quis evidenciar e o sentido de progresso disruptivo para com cada etapa seguinte pretender alcançar, no passado numa progressão linear agora numa progressão exponencial. Cada sociedade tem usado a arquitetura como expressão maior dos valores filosóficos dominantes, de modo a fazer fisicamente a demonstração da sua capacidade de realização e afirmação dos poderes videntes e dominantes.





O sentido do Progresso; uma construção histórica

O conceito de progresso tem sido interpretado de diferentes modos ao longo da história civilizacional, evidenciando as suas exigências, vontades e prioridades.

Na Antiguidade o progresso foi entendido como a conexão com o divino e como este permitia e fomentava as mudanças sociais, sendo que as construções formais eternizavam a ordem cósmica e perpetuaram as elites.

Na Grécia e Roma o progresso foi sinónimo de racionalidade pelas disciplinas matemáticas desenvolvidas na aritmética e geometria, geografia que implicou expansão e reconhecimento territorial e crescente domínio sobre a Natureza. A filosofia e a arquitetura procuraram harmonizar a nova evidência do homem racional com o Mundo, que Aristóteles definiu.

Na Idade Média, a ideia de progresso foi espiritual, refletindo o esforço coletivo para alcançar a salvação, pela luz. O tangível ambicionava tocar o intangível. A arquitetura religiosa tornou-se uma demonstração e um símbolo da elevação do espírito humano.

No Renascimento e Iluminismo, o progresso passou a ser encarado como uma condição da emancipação humana através da razão, ciência e arte. A arquitetura foi a força maior do avanço cultural e técnico.

Na Revolução Industrial, o progresso tornou-se material, associado ao desenvolvimento técnico e económico. A urbanização forçada e as instalações fabris transformaram radicalmente o espaço social urbano.

No século XX. O Modernismo celebrou a inovação técnica, mas também assumiu a evidência do vazio existencial e as angústias da modernidade. O progresso encarna um sentido linear e positivo, de indomável futuro.

No século XXI o progresso tem sido entendido de um modo mais plural e crítico, incluindo as preocupações ambientais, culturais e sociais,





numa diversidade consequente à globalização e numa abrangência inerente à sociedade digital, e numa preposição da modernidade líquida, que o impulsiona para destinos tremendos e inusitados.

O problema dos três elementos

A sociedade, a filosofia e a arquitetura formam um sistema independente, onde cada elemento influencia e é influenciado pelos outros; a filosofia fornece os valores e as ideias, a arquitetura concretiza esses princípios e a sociedade vive e evolui nesse espaço concebidos e construídos. A filosofia grega deu origem a uma arquitetura ordenada e harmoniosa, que por sua vez favoreceu o surgimento de sociedades de cariz democrático. O pensamento iluminista do século XVIII influenciou a criação de edifícios públicos, que simbolizaram os ideais de igualdade e progresso.

O capitalismo industrial do século XIX, criticado por Karl Marx, produziu uma arquitetura funcional original, mas também gerou e acentuou as desigualdades sociais visíveis nas habitações operárias. Na contemporaneidade, a crítica filosófica ao consumismo e à destruição ambiental, tem conduzido a arquitetura a vias mais sustentáveis, de economia circular e reciclável, e, focada na qualidade da vida fluida e flexível.

Toda a sociedade é um reflexo dos seus ideias e ideias, das suas ambições e dos modos de entender e organizar o seu mundo. A filosofia molda os valores, a arquitetura torna visível essa visão e o sentido de progresso define as aspirações sociais. Ao longo da história, estes três elementos têm sido inseparáveis, revelando como o ser humano pensa, constrói e transforma o seu ambiente a si mesmo. Compreender esta interligação, é essencial para interpretar não apenas o passado, reconhecer o presente, e também para projetar um futuro mais consciente, equilibrado e qualificado.

Janus tem estado sempre presente, nas transições, nas consistências, nas antecipações.





Janus, o tempo e a memória

Janus, o deus romano das transições e dualidades, é frequentemente associado ao passado, presente e futuro. Na arquitetura, esta simbologia tem sido uma poderosa inspiração, refletindo como as sociedades projetam as suas identidades e ambições no espaço físico ao longo do tempo. A influência de Janus manifesta-se nas três dimensões principais do tempo que nos acompanha. Janus tem poder sobre todos os começos; em poder de Janus estão todos os inícios, as decisões e da dualidade, necessária às múltiplas visões, considerações, decisões, capacitações, julgamentos.





Passado; a arquitetura como memória. Janus olha para trás, para o passado, reconhecendo o valor da história e da tradição. A arquitetura frequentemente preserva o património cultural e material das civilizações, funcionando como um repositório de memórias. Exemplos incluem a antiguidade clássica, os castelos medievais, as catedrais góticas, os palácios barrocos, continuam a influenciar a atitude moderna de reinterpretação de formas e técnicas históricas. A preservação, o restauro e a reutilização de edifícios com memória são reflexos diretos dessa conexão com o passado.

Presente; a arquitetura como expressão de identidade. No presente, Janus simboliza o dinamismo e a fluidez da vida contemporânea. A arquitetura moderna e contemporânea foca-se em responder às necessidades imediatas das sociedades, como funcionalidade, sustentabilidade e integração tecnológica. Este espírito está visível em edifícios que incorporam tecnologias de ponta, como em arranha céus de alta eficiência energética e estruturas que se adaptam aos contextos urbanos e sociais. A capacidade de harmonizar o passado com o presente é crucial, exemplificada em obras com um sentido de transposição do passado como é o caso da pirâmide de Louvre de I.M.Pei, que combinou inovação com respeito e valorização do património.

Futuro; a arquitetura como projeção do progresso. O olhar de Janus para o futuro reflete-se na arquitetura visionária que antecipa mudanças sociais, tecnológicas e ambientais. Arquitetos e urbanistas inspiram-se no progresso, desenvolvendo projetos que enfatizam sustentabilidade, resiliência e conexão com o ambiente e a natureza. Exemplos incluem cidades inteligentes, edifícios autossuficientes em energia e projetos utópicos que re imaginam a vida urbana. A arquitetura futura também incorpora uma visão mais inclusiva, permitindo que todos os grupos sociais participem na criação de espaços significativos.

A força do progresso pela influência de Janus na arquitetura é, essencialmente, uma forma de progresso, que equilibra tradição e inovação. Inspira a contínua evolução do espaço construído como uma manifestação tangível das mudanças culturais, tecnológicas e ambientais. As sociedades, ao enfrentarem os desafios do seu tempo, canalizam essa força para construir um mundo que, como Janus, honra o passado, vive o presente e antecipa o futuro.





Arquitetura Helénica, as Cidades Estado Gregas e Sócrates

A relação entre a arquitetura do Peloponeso e as suas cidades estado, constituíram a base das sociedades atuais ocidentais, no sentido do entendimento da beleza, do conhecimento e da sabedoria, trabalhadas pela filosofia, como a estrutura basilar para a atuação da política, da justiça e da administração.

Os filósofos estruturaram o saber, as géometras codificaram o novo mundo que se descobria e os artistas definiram o sentido da arte como ente redentora, na qual a arquitetura teve um papel preponderante.





As Pólis-gregas de Atenas, Esparta e Corinto, cresceram no ideal que se foi desenvolvendo do sentido de estado de valores cívicos e coletivistas, na qual entre a vasta escola de filósofos que o cadilho Helénico produziu, Sócrates [469-399 a.C.] sobressaiu na sua vontade de assumir que a sabedoria começa com o reconhecimento da ignorância primordial e pelo conhecimento alcança-se a ética necessária à plenitude da vida, e que o, objetivo da filosofia é a formação ética do indivíduo. Esta centralidade da vida numa beleza própria, materializou-se também pela arquitetura, que sendo sobretudo cívica, apresentava uma escala humana e um sentido de ordem e razão, valores essenciais na filosofia socrática.

Este sentido de equilíbrio e serenidade foram fundamentais para com a sua investigação, para o estabelecimento do bem comum e da ética social, para com uma moral reta e reconhecida.





Este sentido cívico da arquitetura, relacionada com a geometria Pitagórica, tinha o pleno na Ágora, espaço central da Pólis, onde se debatia a política e, pasme-se, filosofia, em que Sócrates que a reflexão filosófica não poderia ser uma atividade isolada, antes partilhada e comentada em comunidade publicamente. A ligação entre a filosofia e a materialidade arquitetónica era de um pleno; o ser humano visto como a medida de todas as coisas – homo mensura, entendia que pela simetria, medida e proporção, a arquitetura refletia e aumentava a importância do cidadão e conferia-lhe direitos, obrigações e deveres.

Para Sócrates a vida ética era inseparável da participação cívica, e por tal a arquitetura e a urbanidade incentivavam a vida pública aberta em que a filosofia, política e arquitetura eram um pleno; esta simbiose permitiu moldar uma sociedade que valorizou o conhecimento, a ética e a beleza, pela razão, a verdade e a ordem, para com o despertar dos cidadãos na necessidade de verdade de modo virtuoso e ético. A filosofia, a arquitetura e a política, sobreviveram 2500 anos e estão ainda perenes.





A Arquitetura Helénica, Aristóteles, Alexandre e Epicuro

A relação entre a arquitetura helénica, a consolidação do império de Alexandre pelas suas cidades e a filosofia de Aristóteles é profunda e reflete um momento-chave na história cultural, intelectual e urbanística do mundo antigo. Para se compreender este contexto, é necessário analisar como estes elementos se entrelaçam no espírito grego da época e no seu impacto sobre a sociedade.

A arquitetura helénica atingiu o seu auge no período clássico e evoluiu durante o período helenístico, coincidindo com a expansão do império de Alexandre, o Grande [356-323 a.C], discípulo de Aristóteles, que difundiu a cultura grega, mas também promoveu a fundação de cidades





inspiradas nos modelos urbanísticos e arquitetónicos gregos; Alexandria, no Egito, foi o exemplo mais emblemático deste seu fenómeno de aculturação forçada. As cidades fundadas por Alexandre, no seu ímpeto expansionista, seguiu o plano ortogonal, idealizado pelo arquiteto Hipódamo de Mileto [considerado o pai do urbanismo]. Este modelo reflete o espírito de ordem, racionalidade e harmonia, princípios basilares fundamentais no pensamento Aristotélico. Estruturas urbanas, como as ágoras, ginásios, teatros e bibliotecas, promoveram a vida cívica, cultural e intelectual, tão do agrado da elite cultural e militar. A sua promoção cívica, criava ambientes propícios ao desenvolvimento moral e intelectual, aspetos centrais da filosofia Aristotélica.

A ágora, como centro de vida pública era um espaço de encontro debate e convivência, onde as ideias podiam ser partilhadas e a vida cívica se desenvolvia; simbolizava a necessidade de interagir e de encontrar prazer no convívio moderado, uma ideia cara a Epicuro. A procura por harmonia e tranquilidade refletia-se também em espaços verdes e áreas destinadas à contemplação e o retiro – algo que ressoaria na imagem dos jardins de Epicuro, onde o filósofo e os discípulos cultivavam tanto a amizade como o saber.

Aristóteles [384-322 a.C.] mestre Tutor de Alexandre, desenvolveu uma visão filosófica muito prática e concreta sobre a ética e a política. Na obra '*Ética a Nicómaco*', defende que a felicidade *eudaimania* era o objetivo supremo da vida humana, atingido através da prática da virtude e da moderação *mesotes*. A ética aristotélica estava profundamente ligada à vida cívica. A cidade *polis* era o espaço onde o cidadão realizava a sua natureza social e racional; a organização da cidade influenciava diretamente a vida ética dos cidadãos. A arquitetura e o urbanismo gregos refletiam estes ideais: a ágora, o centro político e comercial, simbolizava o espaço de debate e decisão onde se concretizava a vida ética e política.

As cidades helenísticas, influenciadas pela visão cosmopolita de Alexandre e pelos princípios de ordem Aristotélicos, tornaram-se centros de fusão cultural, Alexandria em particular, uniu elementos egípcios, gregos e orientais, refletindo um espírito universalista.





Epicuro [341-270 a.C.] defendia que a filosofia deve servir à vida humana, ajudando os indivíduos a alcançar a felicidade através da libertação do medo e da dor. Os princípios fundamentais da sua ética incluem a *ataraxia*, ausência de perturbação, em que a paz interior era o objetivo supremo alcançado através da satisfação moderada dos prazeres naturais e necessários, como a amizade, o repouso e a contemplação. Na Apreciação dos pequenos prazeres, Epicuro, defendia um estilo de vida simples, focado no essencial e na convivência com amigos.

Os espaços comunitários das cidades gregas, como as ágoras e ginásios, promoviam este ideal de felicidade através do convívio social. Epicuro combatia o medo da morte dos deuses, incentivando uma visão de um mundo baseado na natureza e no conhecimento racional. Esta serenidade filosófica encontra eco na ordem harmoniosa da arquitetura clássica.

A ética de Aristóteles, aliada ao urbanismo racional, promoveu uma sociedade que valorizava o equilíbrio entre o indivíduo e a comunidade, favorecidos por uma arquitetura de escala humana que promovia o espaço público. O espírito da época foi marcado pela crença na capacidade humana de moldar o seu ambiente físico e moral, ideia que se constata tanto na filosofia Aristotélica quando na fundação das suas cidades.

A filosofia de Epicuro e a arquitetura clássica helénica convergem na procura pelo equilíbrio, pela simplicidade e pela felicidade. Enquanto Epicuro propunha um estilo de vida focado nos prazeres simples e na paz interior, a arquitetura das cidades estado gregas materializava estes ideais através de espaços ordenados, funcionais e propícios ao bem-estar humano dos seus cidadãos, formalizados na linguagem das ordens. Esta harmonia entre filosofia e arquitetura reflete o espírito de uma época que acreditou na capacidade dos seus cidadãos de moldar o ambiente e a moral para alcançar um estádio de felicidade.





Arquitetura Romana Imperial e Santo Agostinho de Hipona

A arquitetura Romana, codificada por Vitruvius em *De Architectura*, devia seguir três princípios fundamentais que a triangulavam; *firmitas* [solidez], *utilitas* [utilidade] e *venustas* [beleza]; esta visão pragmática de forma, função e estética, moldou a visão Romana no seu Mundo e deu forma às cidades do Império, criando sistemas complexos urbanos. Os fóruns eram centros administrativos, políticos e sociais, servindo como as ágoras, para encontro, debate e economia, mas com um carácter mais prático, diversificada resultante da globalização e de expressão mais monumental. As basílicas foram grandes edifícios públicos amplos, utilizados para transações comerciais e processos judiciais; a sua forma retangular e aberta, com colunatas e átrios, forneceu o modelo arquitetónico para





as primeiras igrejas cristãs. Os templos religiosos, inspirados nos templos clássicos, avançarão para além da dimensão humana e harmonia geométrica, para evidenciarem o poder imperial e uma escala supra, das divindades caprichosas comandadas pelo poderoso Júpiter. Estas estruturas urbanas, evidenciaram a ordem e o poder da Roma Eterna.

Santo Agostinho de Hipona [354-430], na sua dualidade de fé e razão, viveu no período de declínio do Império, que se foi extinguindo perdendo a chama e o ímpeto, numa época marcada pela transição cultural e espiritual. A sua filosa sintetizada na máxima '*acredita para compreender e compreende para acreditar*', conciliou a razão filosófica herdada dos clássicos com a nova fé cristã. A fé como fundamento, defende que a verdadeira sabedoria começa pela fé em Deus. A crença antecede o conhecimento, mas a razão é um meio para aprofundar essa mesma fé. A sua *Cidade de Deus [De Civitate Dei]* opõe-se a cidade terrena – Roma – símbolo do poder material, efémero e impio, à cidade de Deus, edifício espiritual e eterno dos fiéis. A arquitetura, nesta visão tem de refletir o propósito espiritual da vida humana, mundana e social. A arquitetura Romana simbolizou o domínio imperial sobre a vastidão dos territórios; a arquitetura cristã começou, na conversão dos espaços e das formas, a refletir na terra os valores espirituais da simplicidade, austeridade, frugalidade, elevação e foco no divino Espírito Santo.

A transformação da arquitetura foi radical, da sumptuosidade e sofisticação Romana, para com a expressão tectónica das pedras toscamente talhadas do Românico, sendo a expressão maior obtida na adoção da estrutura da basílica com um novo simbolismo e funcionalismo. A planta retangular, com nave central e átrios laterais, assumiram a condição do caminho do fiel em direção ao altar, orientado a Jerusalém a Poente, ponto fulcral da liturgia. A basílica de edifício secular passou a espaço sagrado, ganhando novos elementos, como o átrio e o batistério, refletindo a necessidade de preparação para a entrada na Cidade de Deus. A vaidosa e exuberante ornamentação dos capiteis nas elegantes colunatas romanas, nomeadamente na ordem compósita, deu lugar a formas mais simplistas, sóbrias e mesmo toscas, simbolizando a humildade e a transcendência, mas também a falta de mão de obra qualificada, culta e viajada, tendo estes novos maçons perdido todas as referências e valores da cultura clássica, só recuperada no Renascimento de Quatrocentos.





A influência de Santo Agostinho e esta nova expressão de arquitetura, muito marcada também e ainda pelas referências das hordas de bárbaros que desceram do frio para o calor do Mediterrâneo, refletiram uma mudança de valores, para com esta sociedade tardo-romana, que por séculos ainda perdurou.

Esta visão fria e telúrica que atravessou todo o espaço do extinto Império Romano, converteu os deuses bárbaros a uma nova espiritualidade de mera transição terrena, consequente do frio, da fome e das doenças, de abandono da cidade terrena, para uma nova visão cristã que apregoava a espiritualidade e o destino eterno da alma. Esta arquitetura ideológica é um portal de segurança para a preparação de condução dos fiéis ao sagrado.





A basílica cristã substituiu o fórum como o centro da vida comunitária, reforçando a influência da Santa Madre Igreja na sociedade e no cotidiano. Santo Agostinho promoveu a ideia, que a verdadeira compreensão só é possível através da fé. Pela educação monacal e pela ética religiosa, a Igreja tornou-se a guardiã do conhecimento, preservando as tradições clássicas, enquanto forçava a sociedade para com os valores cristãos do seu interesse.

Sob a influência de Santo Agostinho e da filosofia cristã, a arquitetura renegou toda a monumentalidade puramente terrena de Roma, para criar novos espaços que elevavam o espírito pela planta em cruz e a colocação do altar, que marcavam a centralidade do espírito eucarístico. A iluminação interior passou a ter um forte simbolismo espiritual, refletindo a presença de Cristo como a 'Luz do Mundo'.

Santo Agostinho, desenvolveu um pensamento profundamente ligado à transformação do entendimento do mundo, da cidade e da sociedade, em que buscou reconciliar a fé cristã. Na sua obra, Agostinho buscou reconciliar a fé cristã com o legado do Império Romano e as adversidades da queda de Roma. Este pensamento filosófico moldaria a organização e a arte da Igreja, influenciando diretamente a arquitetura religiosa. A ideia de uma cidade espiritual, como um lugar de salvação, inspirou a criação de espaços sagrados que não eram apenas funcionalmente eficazes, mas expressam um sentido de transcendência, proporcionando a desejada experiência divina.

A arquitetura cristã, nos primeiros séculos da era medieval, incorporou inúmeros elementos da arquitetura Romana, mas com um novo propósito. Os espaços eram indicados, não apenas para a organização social e política, mas ao serviço da elevação da alma e refletir a sacralidade de Deus. A Igreja tornou-se o reflexo da cidade de Deus na terra, um lugar onde os fiéis podem vivenciar a presença divina. Este pensamento filosófico moldaria a organização e a definição espacial da arquitetura religiosa. A ideia de uma cidade espiritual e celestial, representada pela igreja, como um lugar de salvação, inspirou a criação de espaços arquitetônicos sagrados que não eram apenas funcionalmente eficazes, mas que também expressavam o sentido de transcendência, proporcionado a todos a experimentação do divino.





No fim do império Romano, a sociedade fragmentada passou a refletir essas mudanças de valores. A arquitetura romana, monumental e cívica, deu lugar a novo foco na espiritualidade e fé, com a igreja a emergir como o centro da vida social. A arquitetura religiosa, profundamente influenciada pelo pensamento de Santo Agostinho, evoluiu para refletir não apenas os valores materiais e sociais da sociedade romana, mas também os novos valores espirituais que moldaram a sociedade medieval.

A arquitetura agora orientada para o culto cristão, passava a integrar o conhecimento teológico e o físico para promover a qualidade de vida e um profundo sentido de fé. A forma arquitetônica das igrejas, representava um espaço de reflexão e transcendência, um reflexo direto da Cidade de Deus de Santo Agostinho e da busca do homem por um significado espiritual no seio da sociedade cristã.





Arquitetura Gótica e São Tomás de Aquino

O gótico e a filosofia de São Tomás de Aquino: Reconciliação entre Fé e Razão. A Alta Idade Média foi um *kairos* de profundas transformações culturais, políticas e espirituais na Europa. Nesse contexto a arquitetura dita gótica, emergiu como um dos grandes símbolos do pensamento medieval, associando a transcendência espiritual à progressiva racionalidade estrutural. Simultaneamente, o pensamento filosófico de São Tomás de Aquino desempenhou um papel central, ao unir a fé cristã e a razão Aristotélica num sistema coerente de pensamento.

A filosofia tomista não só influenciou a teologia e a sociedade, mas moldou também o espírito do valor das catedrais, cujas formas refleti-





ram o anseio de harmonia entre o terreno e o divino, sobretudo pelo filtro do vitral. O caldinho da filosofia de São Tomás, o papel dos construtores das catedrais – os maçons, a estruturação formal e conceptual dos neopitagóricos e o desejo de vaidade das cidades. Competiram para a tipologia de eleição da Alta Idade Média – a Catedral.

São Tomás de Aquino [1225-1274], teólogo e filósofo escolástico, quis reconciliar as doutrinas da fé cristã com a ideia de razão, especialmente através da integração do pensamento clássico de Aristóteles no sistema de valores do Cristianismo. Para Tomás, a razão humana era uma dádiva divina, capaz de compreender progressivamente o plano de Deus, completada pela revelação. Esta reconciliação refletia-se em três princípios fundamentais:

- A harmonia entre a fé e a razão: a filosofia não era encarada como oposição à teologia, mas um instrumento capaz de aprofundar a compreensão do divino;
- A Ordem e a hierarquia cósmica, inspirada por Aristóteles, proporcionava um universo regido por uma vontade, reflexo da sabedoria de Deus, numa ordem racional e sistematizada.

A transcendência do Belo, entendia-se que a beleza era uma manifestação da perfeição divina e do homem, único ser capaz de a reconhecer e entender, pelo que deveria ser perseguida em todas as criações, sobretudo na arquitetura. Estes pressupostos ressoaram profundamente na cultura medieval, influenciando a sistematização da sociedade e na masterização da grande construção da fé, a catedral, que se tornou o símbolo maior visível da fé e da razão.

A arquitetura gótica, refletia uma nova abordagem espiritual, técnica e de valor, em comparação ao estilo românico, escuro, tacanho, pesado. Caracterizou-se por arcos ogivais e abóbodas de cruzaria, representado uma evolução técnica que permitiu construções significativamente mais altos e luminosos, expressando a transcendência espiritual: pilares e arcobotantes, que transferiam o peso para fora, criando interiores amplos, abertos e generosos, que simbolizavam a elevação da alma; e rosáceas e vitrais, educativos de narração de episódios bíblicos para uma população maioritariamente iletrada e que permitiam uma ampla luminosidade sobre o espaço e a abundante presença do Espírito Santo.





Catedrais góticas como Chartres, Saint Denis, Notre Dame e Orleans, foram autênticos livros de pedra, onde a arte, a geometria e a espiritualidade da filosofia escolástica, bem como das lojas maçônicas, se materializavam e promoviam a unidade tão necessária aos tempos difíceis da Idade Média.

A construção das catedrais góticas era uma tarefa monumental, que requeria conhecimentos especializados em engenharia, matemática e geometria e um extraordinário *savoir faire* de coordenação e hierarquização. Os maçons, artesãos altamente especializados em trabalhos de cantaria, formaram associações e lojas, que transmitiram esses conhecimentos ao longo dos tempos necessários à sua construção. Essas corporações, precursoras das modernas guildas, desempenharam um





papel crucial na execução de projetos tão ambiciosos, e que tanto representaram para as suas comunidades.

O renascimento do interesse por ideias neopitagóricas durante a Idade Média trouxe uma ênfase particular nas proporções matemáticas e traçados geométricos. Estes princípios pitagóricos, que relacionavam números à ordem cósmica, pela música, aritmética, geometria e astronomia, encontram amplo eco nas ideias de São Tomás sobre a racionalidade de Deus. Na catedral de Chartres a disposição geométrica e as proporções das estruturas seguem princípios matemáticos precisos da Secção Áurea e Número de Ouro.

Esta capacidade de integrar elementos científicos na vontade da fé, permitiu que em Saint Denis, considerada a primeira catedral de expressão gótica, o abade Suger, num rasgo raro de clarividência tenha legitimado a sua 'invenção' com a necessidade da introdução do conceito de '*lux nova*' acreditando que a luz física era uma extensão da luz divina, que era necessário fazer penetrar o espaço dos fiéis, para uma comunhão plena. Este ideal estava em plena consonância com a busca tomista de aproximar o humano do divino através da razão e da beleza que agora se elevava.

Embora o termo gótico tenha surgido posteriormente como uma designação depreciativa durante o Renascimento, referindo-se aos bárbaros godos, os valores culturais desse povo influenciaram indiretamente a cultura e a arte na Idade Média; os godos, conhecidos pelas suas contribuições militares e sociais sequentes ao declínio do Império Romano, legaram uma herança de força, adaptabilidade e inovação em inúmeros campos. A arquitetura gótica que ambicionou uma imensa verticalidade, como desejo de superação e ousadia estrutural, pode ser vista como uma evolução dessa herança, reinterpretada pela cristandade medieval.

Esta arquitetura simbolizava a superação das limitações humanas em direção do divino, ideia tanto central na espiritualidade medieval quanto na filosofia tomista. A arquitetura gótica teve um impacto profundo na Igreja e na sociedade medieval; as catedrais tornaram-se centro de devoção e peregrinação, consolidando-se como centros de espiri-





tualidade e fomentando as viagens e uma primeira noção de turismo. A sua construção, demorada, envolvia comunidades inteiras, promovendo um sentido de unidade e vaidade coletiva. Para a Igreja, eram um necessário e capaz meio de demonstração do poder espiritual e material.

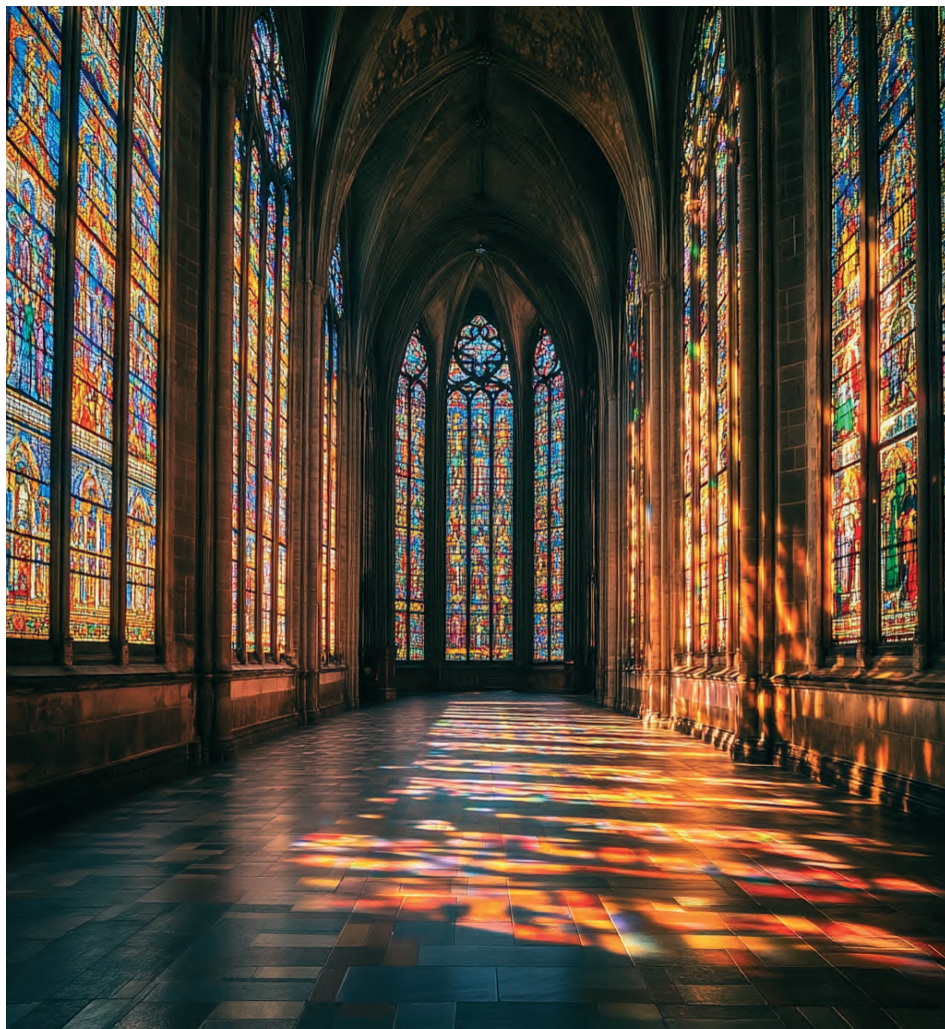
A arquitetura da Alta Idade Média, foi um exemplo eficaz de como uma sociedade pode ser definida pela sua filosofia e pelas suas criações. A influencia de São Tomás de Aquino, com a sua defesa da harmonia entre fé e razão, encontrou um meio de materialização sublime nas catedrais, que continuam a emanar admiração e respeito pelo seu esplendor técnico e simbólico. Através do trabalho dos maçons, da sabedoria dos neopitagóricos e da herança cultural gótica, as catedrais transcenderam o seu tempo, refletindo uma visão do mundo em que o progresso técnico e espiritual se encontraram; mais do que meros edifícios funcionais, as catedrais são expressão tangível de um ideal que unia a humanidade ao intangível, a razão à fé, o indivíduo à comunidade.

A relação entre a filosofia tomista e a arquitetura gótica, é um exemplo perfeito de como ideias abstratas podem transformar o seu tempo. A busca incessante de São Tomás por uma reconciliação entre fé e razão, encontrou expressão na harmonia matemática, geométrica e simbólica das catedrais, que não foram os meros espaços de culto, mas as manifestações tangíveis de uma visão holística do terreno com o celestial. Esta interligação também moldou a sociedade medieval, fornecendo um senso de propósito coletivo e transcendente, com o seu esplendor e complexidade radiante.





(S = P + A + P)



Societas = philosophia + architectura + progressio | 35





Arquitetura Renascentista, Cidades-Estado e Maquiavel

A arquitetura dita renascentista, teve uma origem na península de Itália, dez séculos depois do declínio Romano; as cidades estado como Florença, Roma, Milão, Pisa, Parma, Veneza rivalizavam, como no passado as cidades estado gregas, por apresentarem um legado artístico e sobretudo arquitetónico, que lhes conferisse uma evidência de manifesto de força, prestígio e grandeza. A gravidade da Vanitas.

Esta capacidade de promoção, vinculação e legitimidade pela arquitetura, encontrou um forte respaldo no pensamento político e filosófico de Nicolau Maquiavel, um dos principais pensadores do Renascimento, vindo ao encontro da legitimidade do espírito humanista com a





razão clássica, com os desafios concretos e pragmáticos do seu tempo de profunda convulsão. Este tempo deveras importante para a história da Europa, foi amplamente marcado pela valorização do poder temporal, da ordem secular e de um novo e enaltecendo o sentido de beleza, que revela uma simbiose entre a política dos príncipes, a arquitetura de novo pungente de *vanitas, utilitas e firmitas*.

Nestes Quatrocentos, o estudo dos imensos vestígios clássicos presentes por toda a Península, onde se reconhecia uma história de grandeza, as novas descobertas científicas e matemáticas de Fra Lucca Paccioli e Fibonnachi, concederam Leon Batista Alberti, Filipo Brunelleschi e Michelangelo Buonarroti, as premissas para se aventurarem na recomposição da linguagem clássica e de definição da paisagem e urbanidades, como uma ferramenta de poder, controlando o espaço público, manifestando a ordem e a autoridade dos governantes, mesmo da Sacra Madre Igreja, que nesta linguagem viu de novo uma ressurreição estética de afirmação e revelação.

Nicolau Maquiavel [1469-1527] autor de '*O Príncipe*' [1513], apresentou uma visão pragmática da política, evidenciado a necessidade dos príncipes usarem a *virtú* (habilidade) e a fortuna (o acaso) para continuamente manterem o poder e governarem com sucesso; um primeiro e perfeito exemplo de flexiexistencialismo, no exercício de governo adaptável, moldável, mas impositivo às conveniências e circunstâncias.

O realismo político de Maquiavel, rompe com a tradição idealista, defendendo que a política é o exercício do poder e este deve ser orientado pela prática eficaz, e não por princípios morais abstratos. Maquiavel, indica que os governantes devem projetar uma imagem de grandeza e ordem para legitimar o seu poder; a imagem ideológica da arquitetura e assim se entende também que os edifícios da alta idade média, não serviam estes propósitos. A arquitetura é um verdadeiro e eficaz instrumento político, mas simbolizar a estabilidade, o domínio e a capacidade de liderança do príncipe. Para Maquiavel, estas cidades estado do seu tempo, são o palco primordial onde jogam as forças políticas da época, incluindo a Igreja, e o espaço urbano com as suas formas de linguagem clássica, promovem a ordem e o esplendor de quem a promoveu.



Leon Battista Alberti [1404-1472] foi um dos notáveis teóricos do Renascimento e desempenhou um papel fulcral na consolidação da arquitetura como uma expressão do poder humano em ambiente civilizado e como reflexo da harmonia racional. Entendeu a arquitetura como um modo de Ordem e Razão, defendendo que a preposição ideal para a conceção é a da proporção matemática, que deriva na *symmetria* e na harmonia, características que emanam a ideia de controlo, autoridade e grandeza, valores absolutamente importantes no pensamento político de Maquiavel e na qual emana a grandeza dos príncipes renascentistas; assim como Maquiavel centro o seu pensamento no indivíduo político, Alberti vê o arquiteto como o criador racional que molda o mundo físico para refletir valores da razão e do poder político exercido.

A influência política dos príncipes, exerce-se pelo poder e evidencia-se na arquitetura; mesmo a dos príncipes da igreja. O Renascimento ao recuperar o ideal clássico de que a razão humana é capaz de organizar o mundo natural e social, tiveram em Maquiavel e Alberti, espíritos capazes de defender estas premissas, em pragmatismo e realismo; Maquiavel rejeitou abstrações e focou-se na eficácia política, e arquitetura embora inspirada e desenhada na linguagem clássica revisitada e adaptada, é profundamente prática e adaptada às necessidades urbanas e políticas. Evidenciavam a crença que a ordem visível na forma reforça a ordem política e social. O príncipe maquiavélico e o arquiteto renascentista partilham a mesma capacidade moldar o Mundo consoante a sua vontade.

A filosofia política de Maquiavel representa as duas faces de um mesmo espírito humanista: a busca pela ordem, poder e racionalidade. Se Maquiavel defendeu que o príncipe devia usar de todos os meios para consolidar o seu domínio, a arquitetura como a de Alberti e Brunelleschi, serviu como uma ferramenta para manifestar esse poder de modo visível, evidente e perene. Filosofia, arquitetura e o avanço disruptivo do progresso criaram um ambiente em que a beleza racional cristalizada e o realismo político, moldaram as cidades e a sociedade do Renascimento, que veio a definir o quando muito a sociedade nos seus próximos estágios funcionou e moldou o pensamento Ocidental.





O erudito Athanasius Kircher

Athanasius Kercher, um erudito jesuíta do século XVII, é frequentemente considerado um dos últimos dos grandes 'homens universais', alguém que abraçou uma gama vasta de disciplinas, da teologia e filosofia às ciências naturais, artes e tecnologia, do seu tempo. A sua personalidade e obra refletem profundamente a sociedade e a filosofia do seu tempo, que foram marcadas pela transição entre o Renascimento e a Revolução Científica, bem como pelo impacto do pensamento escolástico e da Contrarreforma.

Kircher na sua sociedade do século XVII, é o de um espírito Enciclopédico, vivendo numa época em que a ideia de um conhecimento





refletia o desejo da sociedade de compreender o mundo num contexto religioso, conciliando fé e razão. A teologia e ciência num jesuíta, como Kircher, via a investigação científica como um modo de glorificar Deus; acreditava que o estudo da natureza revela as maravilhas da criação divina, numa perspetiva típica da Contrarreforma que procurava reafirmar a centralidade da fé no conhecimento humano. O seu trabalho como cientista, teólogo e polímata está profundamente ligado às dinâmicas culturais, filosófica e sociais do seu tempo.

A sociedade hierárquica e dogmática, era amplamente estruturada e o conhecimento era transmitido de modo autoritária. Kircher, apesar de inovador, não escapava ao espírito da época e tendia a apresentar as suas conclusões como verdades definitivas, em vez de hipóteses a serem discutidas.

A filosofia do século XVII era caracterizada por tensões entre escolatismo e racionalismo. A tradição escolástica medieval, que Kircher seguia em parte, era gradualmente desafiada por filósofos como Descartes, que enfatizavam a dúvida e a racionalidade. A autoridade e a experiência pela ciência, começava a valorizar a observação empírica e a experimentação, mas o conhecimento ainda era frequentemente moldado por autoridades estabelecidas, como Aristóteles ou os ensinamentos dogmáticos da Igreja.

A sociedade atual, tida como a Flexiexistencialista, marcada por uma abordagem mais fluida e subjetiva do conhecimento e da identidade caracteriza-se pela aprendizagem centrada no aluno, em que vez de impor verdades, o objetivo é ensinar a pensar criticamente, procurar e selecionar informações, especialmente numa era inundada por dados digitais, na dita memória mineral. O paradigma moderno rejeita dogmas e valoriza a construção de significados individuais, desafiando-se a ideia de verdades universais. A colaboração interdisciplinar em que o espírito de Kircher ressoe no ideal de conhecimentos interdisciplinares; a ênfase atual está na colaboração em vez da síntese por um só indivíduo. O ensino colaborativo e contributivo, contra o ensino impositivo. O objetivo é ensinar a procurar, selecionar e contextualizar informações, num mundo saturado de dados.





Kircher conecta-se com a modernidade, numa espécie de sementeira de curiosidade permanente e constante. Kircher procurava integrar diferentes ramos do saber, numa adesão à educação moderna que valoriza a interdisciplinaridade e transversalidade. No entanto, se Kercher propunha um modelo de autoridade centralizadora, hoje propõe-se a autonomia intelectual para com o dogma do espírito crítico. A transição da imposição de conhecimentos à promoção do pensamento crítico, reflete uma evolução na maneira como a sociedade valoriza o conhecimento. Onde Kircher procurava responder às questões, a sociedade moderna enfatiza o ato de perguntar como substancial e significativo.





Athanasius Kircher simbolizou um ponto de singularidade; da busca de verdades absolutas para um reconhecimento da complexidade do conhecimento. A sua abordagem contrasta com o modelo contemporâneo, mas o seu espírito inquisitivo permanece inspirador. Podemos ver Kircher como um precursor distante do atual ideal de educação; um guia para a curiosidade, sem o fim necessário para respostas definitivas. Kircher foi um homem enciclopédico numa era de síntese, personificando ainda o ideal renascentista de *homo universalis*, um indivíduo capaz de integrar diferentes áreas do saber. Este impulso de síntese reflete a sociedade europeia do século XVII que ainda tinha a quimera de unir fé e razão, alinhando as doutrinas cristãs com a emergente ciência.

A filosofia da época oscilava entre o escolatismo, que organizava o conhecimento em sistemas hierárquicos baseados na autoridade e o nascente racionalismo, que privilegiava a dúvida e a razão como base do saber. A Companhia de Jesus, à qual Kircher pertencia, era uma força motriz da Contra-Reforma. Como jesuíta professo, Kircher via o conhecimento como um instrumento ao serviço da fé, procurando consolidar a influência da Igreja Católica num Mundo cada vez mais dividido por disputas religiosas. O seu trabalho, frequentemente apresentado como definitivo, reflete o espírito dogmático da época.

Na sua era do Barroco, uma nova estética dava uma plena forma ao poder e à transcendência da Igreja Católica, que com o seu dinamismo, monumentalidade e teatralidade na ornamentação, espelhou uma tentativa de capturar a ordem divina num mundo instável. Kircher, fascinado por simbolismos e máquinas, ecoava essa visão ao tentar revelar as 'estruturas invisíveis' do Cosmos através dos seus sentidos.

Kircher procurou sintetizar o conhecimento numa única visão integrada, algo que ressoou nos edifícios barrocos, concebidos como símbolo de ordem e grandiosidade divina. A sociedade contemporânea, valoriza a descentralização, refletida em edifícios como os centros culturais, que promovem a interação horizontal e a diversidade de usos. No século XVII, entre o dogma e a flexibilidade, a arquitetura e o conhecimento eram usados como ferramentas de autoridade e persuasão. Hoje, a educação procura capacitar os indivíduos, oferecendo plataformas abertas para a exploração da acessibilidade ao conhecimento.





Embora o modelo de ensino e aquisição de conhecimento de Kircher possa parecer rígido face aos padrões atuais e à abordagem flexível da modernidade, há algo de profundamente relevante no seu espírito, a curiosidade insaciável e o desejo de compreender o mundo como um todo e na sua plenitude. Este impulso, quando libertado de dogmas, pode inspirar tanto o ensino moderno como as formas arquitetónicas que definem o espaço público das sociedades contemporâneas. Kircher permanece um elo entre um passado hierárquico e um presente plural, convidando-nos a integrar e entender o melhor dos mundos disponíveis.

Assim, como a pedagogia moderna valoriza a adaptabilidade, a arquitetura atual reflete a diversidade e a fluidez, no sentido do conhecimento poder ser explorado de modo dinâmico e colaborativo, o paradigma atual valoriza a fragmentação e a adaptação ao contexto; da estabilidade à fluidez.





Athanasius Kircher e a Torre de Babel

Athanasius Kircher, foi uma figura singular e emblemática na abordagem do conceito da Torre de Babel, tanto do ponto de vista bíblico quanto como uma metáfora artística, cultural e linguística de inusitado interesse no seu século. A sua investigação sobre Babel revelou não apenas a visão cosmológica e teológica da época, mas também o modo como interpretava a diversidade linguística e cultural como um reflexo da ordem divina. Esta ideia contrasta e dialoga com a sociedade Flexiexistencialista contemporânea, onde a comunicação e a linguística assumem um carácter fluido e descentralizado.





A Torre como símbolo de unidade e queda, na tradição bíblica, representa a tentativa de alcançar o céu por meio de uma obra coletiva, punida com a dispersão e a confusão das línguas, da informação. Para Kircher, Babel simbolizava a ordem divina interrompida pelo orgulho humano, mas também um marco na diversidade cultural e linguística do mundo.

Kircher dedicou-se a estudar línguas e culturas, procurando reconstruir as línguas originais e traçar a genologia das línguas após Babel. No seu livro *Turris Babel* de 1679. Combinou mitologia, história e linguística, tentando explicar a origem e dispersão das línguas humana conhecidas. Embora algumas das suas conclusões sejam cientificamente incorretas, o seu esforço refletiu o desejo de compreender e sistematizar a complexidade do mundo.

Para Kircher, Babel era uma torre para a metáfora social, representava uma sociedade ideal na sua unidade original, antes da fragmentação linguística. A ideia de uma torre conecta a humanidade aos céus remete a uma visão hierárquica e divina, onde cada componente da sociedade tem um papel fixo.

A sociedade Flexiexistencialista e a torre de Babel, constitui uma pluralidade linguística como riqueza, em que na sociedade contemporânea, a diversidade linguística e cultural é vista como um recurso e não com uma complicação. A linguística moderna celebra a multiplicidade de línguas como expressões únicas da experiência humana, refletindo uma visão descentralizada e flexível que contrasta com a busca de Kircher por uma origem única.

Se a Torre de Babel simbolizava uma conexão física e espiritual, a sociedade de informação construiu uma torre digital, representada pela internet e pelas redes globais de comunicação. Esta torre moderna também enfrenta o desafio da fragmentação; embora conecte pessoas de todo o mundo, a multiplicidade de vozes e perspectivas pode gerar confusão e divisões, tal como a dispersão de Babel. Enquanto a visão de Babel (e a de Kircher) enfatizava uma hierarquia divina e uma unidade perdida; a sociedade atual valoriza a descentralização, onde cada cidadão tem a liberdade de construir a sua própria narrativa. A ideia de uma torre social perfeita, é substituída por redes horizontais de colaboração.



Kircher via a confusão como um problema a resolver, refletindo a visão da sua época, que idealizava a unidade linguística como sinal de perfeição. Na linguística contemporânea, pelo contrário a diversidade é celebrada como uma manifestação da criatividade e adaptabilidade humana. A torre de Babel como uma das oito maravilhas do Mundo.

A torre de Kircher, hierárquica e centralizadora, espelha uma visão do mundo rígida e estruturada, a imagem da sociedade sólida.

A sociedade da informação é polifônica, marcada por uma descentralização radical onde cada voz pode ser amplificada, mas onde também surgem tensões devido à falta de consenso. Assim como a Torre de Babel aspirava conectar o humano ao divino, a sociedade contemporânea constrói pontes digitais que procuram superar barreiras geográficas e culturais. Contudo, essa conexão, longe de ser perfeita, é marcada por desafios de tradução, compreensão e acesso equitativo – *lost in translation*.

A obra de Kircher, com todas as suas limitações, antecipava um fascínio moderno pela multiplicidade e pela tentativa de compreender o outro. A sociedade Flexiexistencialista, embora registre dogmas unificadores, continua a lutar com o paradoxo de conectar a pluralidade sem anulá-la.

A arquitetura simbólica da Torre de Babel pode ser comparada às infraestruturas digitais contemporâneas, que são tanto monumentos à conectividade global quanto fontes de fragmentação cultural. Tal como Babel, a Torre digital moderna carrega o potencial de unir e dividir simultaneamente,

Athanasius Kircher, na sua exploração da Torre de Babel, oferece uma visão que reflete uma visão que reflete as aspirações e limitações do seu tempo. A ideia de uma unidade linguística e cultural perdida dialoga com os desafios contemporâneos de lidar com a diversidade num mundo globalizado. Na sociedade de informação, a babel digital é ao mesmo tempo uma ponte e uma barreira, mostrando que, tal como na visão de Kircher, a busca por compreensão e conexão permanece central na experiência humana.





Arquitetura Barroca e Voltaire

A arquitetura barroca e a filosofia iluminista de Voltaire, partilham um contexto de transformação política, cultural e social na Europa, particularmente em França e no centro da Europa, no contexto da governança absolutista. A arquitetura barroca, surgida no final do século XVI e amplamente desenvolvida e difundida durante os séculos XVII e XVIII, reflete uma fusão entre a teatralidade, a monumentalidade e a função propagandística, servindo tanto as monarquias absolutistas como a Igreja Católica como as Igrejas Protestantes e Calvinistas nos seus propósitos.

Voltaire, com o seu apelo à liberdade, diálogo e tolerância, personifica o espírito do Iluminismo, numa reação crítica ao formalismo e ao absolutismo.





A arquitetura barroca caracteriza-se extremamente pela sua elegância formal, racionalidade e controlo do espaço urbano, adaptando-se aos contextos dos estados centralizados e à crescente influência das elites iluministas. O barroco por base caracteriza-se pelo rigor geométrico, com ornamento decorativo exuberante, refletindo um valor de ordem, dignidade e grandeza, expressando um controlo racional e estético do espaço e das formas.

Voltaire [1694-1778] é uma das figuras centrais do Iluminismo, tendo criticado veementemente o absolutismo, o dogmatismo religioso e a intolerância, que grassavam. A sua filosofia marcada pela razão e defesa da liberdade individual, teve como principais valores:

O diálogo racional defende que a razão e o debate aberto, eram os únicos caminhos para o progresso da humanidade. A arquitetura barroca, ao abrir-se aos espaços públicos e monumentais como as das praças reais, promoveu um ambiente físico que favoreceu o encontro e a troca de ideias.

A tolerância e crítica ao dogmatismo, atacou o domínio excessivo da Igreja e o autoritarismo político. A sua visão de tolerância religiosa e cultural, incentivou a uma sociedade mais justa, aberta e refletida.

A liberdade de pensamento era consequente da liberdade intelectual, essencial para o florescimento das artes e das ciências, e consequentemente do progresso das sociedades. O período barroco preparou o caminho para a emergência de novas instituições, como as academias e salões, onde a arquitetura serviu como pano de fundo para um novo diálogo filosófico, académico e científico.

Toda a arquitetura barroca, inicialmente concebida para uma glorificação dos poderes, começou gradualmente a criar espaços que se tornaram acessíveis à sociedade. Esta transformação refletiu a tensão entre o absolutismo e o emergente espírito iluminista, também promovido por Voltaire.

Na sua Paris, praças públicas barrocas como a Place Royale ou a Place Vendôme não eram apenas símbolos do poder régio, mas também locais





onde se encontravam membros da burguesia, intelectuais iluminados e artistas. Estes locais urbanos serviram de amplo cenário físico para o diálogo e a crítica da vida social, valores centrais no pensamento de Voltaire.

Os Jardins e a Natureza organizada, como os de Versailles, das Tuileries, do Luxemburgo, representavam o controlo da natureza pela razão humana, e por tal refletiam efetivamente a capacidade que o espírito iluminista poderia pela ordem racional, conferir ao progresso, valores da ciência e da razão.

Durante este período barroco, surgiram instituições públicas que refletiram a crescente importância e necessidade das funções educativas e culturais, que necessitaram de edifícios em novas formas e tipologias, para academias, bibliotecas, centros de ciência, que foram amplos difusores das ideias Iluministas, que vieram a obrigar ao fim da idade Absolutista do Antigo Regime e abrir pela Revolução Francesa a idade Moderna.

A arquitetura barroca soube poder acolher o espírito filosófico de Voltaire e compartilharam um valor comum, de conceder dignidade à sociedade. Houve uma vontade de que a monumentalidade possa acolher a função social; embora a exaltação dos poderes fosse um privilégio maior, houve crescente possibilidade de integração o indivíduo na ordem social e urbana. Voltaire via esta integração na ordem social e política, condição essencial para o progresso e a harmonia social.

Um novo público culto valorizou o teatro, as academias e as bibliotecas, que paulatinamente ganharam tipologias próprias e substituíram os salões palacianos e as igrejas como os centros da vida cultural e intelectual. A arquitetura ganha um estatuto de ser um símbolo formal de progresso e dignidade, refletindo a crença iluminista de que a sociedade pode ser organizada de modo justo e racional, confluindo para a liberdade, igualdade e fraternidade.

A arquitetura barroca e a filosofia de Voltaire representam duas manifestações de um tempo de transição; o barroco exaltou a ordem e a monumentalidade de uma sociedade orgulhosa e vaidosa de si mesma, Voltaire e os Iluministas questionam o poder absolutista e propõem um ideal de sociedade baseado no diálogo, tolerância e liberdade.





Immanuel Kant e o Neoclassicismo

No Iluminismo, na viragem do século XVIII para XIX, a arquitetura neoclássica surge como uma resposta ao barroco exuberante e ao rocaille ornamental, buscando inspiração na antiguidade clássica greco-romana e por oposição ao ideal programático do Antigo Regime. O neoclássico veio dar corpo a uma manifestação física dos valores iluministas e da filosofia kantiana, que procurava os limites do conhecimento e a construção de uma nova moral universal. O neoclássico assumiu um carácter político e filosófico, expressando ideais de claridade, racionalidade e ordem universal. Em França e na Prússia assumir um carácter excecional por assumir as vontades de Napoleão e Frederico II, em que Berlim era a cidade iluminista europeia por excelência.





Edifícios projetados por Carl Gotthard Langhans, remetes à monumentalidade clássica, à ordem racional e à ligação entre poder político e os novos valores de simplicidade e dignidade.

A arquitetura neoclássica aposta na austeridade e frugalidade das formas, mas que evidenciam uma sofisticação, herdeira da composição renascentista nomeadamente de Andreas di Pietro della Gondola, vulgo Palladio.

Immanuel Kant [1724-1804], um dos principais pensadores do Iluminismo, desenvolveu uma filosofia crítica que visou definir os limites do conhecimento humano e estabelecer uma moral universal. Na *Crítica da Razão Pura* demonstrou que o conhecimento humano é limitado pela estrutura da própria mente. A razão organiza o mundo sensível, tal como a arquitetura neoclássica organiza o espaço físico através de proporções racionais e formas geométrica claras, mas de desenho sofisticado na linguagem dos tratados. A moralidade e a razão prática, formula-se o imperativo categórico, de uma moral baseada na razão universal e na dignidade do seu humano. Este princípio reflete-se na arquitetura, ao procurar transmitir valores universais e atemporais. Para Kant a dignidade do ser humano reside na sua capacidade de agir de acordo com princípios morais racionais. Uma sociedade baseada no respeito pela razão e pela liberdade individual, era uma sociedade respeitada.

A Prússia sob a influência do absolutismo iluminado de Frederico II e a França sob o déspota imperial de Napoleão Bonaparte, utilizaram a arquitetura neoclássica como um meio de educação cívica e de expressão dos valores filosóficos e morais, defendidos por Kant. Arquitetos como Karl Friedrich Schinkel e ----- projetaram encomendas para academias, universidades e bibliotecas, que tinham como programa o compromisso do saber e o respeito pelos novos valores do conhecimento, transmitindo a ideia de que o estudo e a reflexão racional eram fundamentais para o progresso. O espaço urbano foi também tratado de modo que fosse promovida a convivência e o diálogo público, controlado evidentemente, para que o encontro fosse possível numa sociedade que se desejava mais moral e racional.



O pensamento kantiano de racionalidade e universalidade, fomentava a dignidade humana na sua capacidade de agir racionalmente, e ideia de que a educação e o conhecimento são fundamentais para o progresso, implicava a promoção do acesso à cultura, à ciência e ao diálogo racional. Enquanto Kant explorava o domínio filosófico da razão pura e da razão crítica, os arquitetos neoclássicos moldavam o espaço físico para refletir valores, em que os cidadãos reconheciam dignidade e progresso, tornando-se símbolos tangíveis de uma nova idade civilizacional que se convencionou apelidar de Idade Moderna.





Friedrich Hegel e o Neoclassicismo

A arquitetura neoclássica e a filosofia de Hegel, partilham uma visão profundamente histórica e transformadora do mundo, expressando o espírito do seu tempo – *Zeitgeist* e a busca pela ordem racional. A filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel [1770-1831] defende que a história é o processo pelo qual a consciência humana se desenvolve, aprendendo com o passado para alcançar níveis superiores de liberdade e realização pessoal. Esta visão ressoa na arquitetura neoclássica das cidades, nomeadamente em Berlim que representada a cidade ideal do progresso, universalidade e dignidade, refletindo a fusão entre o legado clássico e as aspirações da modernidade.





A arquitetura neoclássica na Prússia, promovida especialmente sob o reinado de Frederico Guilherme II e posteriormente por Frederico Guilherme III, não foi um revivalismo saudosista estilístico às linguagens da antiguidade clássica. Representou uma afirmação do progresso histórico de uma sociedade racionalmente organizada e inspirada nos mais altos valores do passado para moldar o presente e o futuro.

O Portão de Brandemburgo [1788-1791] desenhado por Carl Gotthard Langhans, inspirou-se nos propileus da Acrópole de Atenas, simbolizando além do poder prussiano a ordem racional da antiguidade clássica reinterpretada numa nova era; tornou-se um símbolo da capacidade da sociedade iluminista aprender com o passado. A Neue Wache [1816-1818] desenhada por Karl Friedrich Schinkel, reflete a sobriedade e a austeridade neoclássica pretendida nesta realidade social.





Originalmente concebida como quartel da guarda real, posteriormente foi transformada em memorial, ilustrando a relação hegeliana entre a história, a memória e a contínua transformação social. O Altes Museum também projeto de Schinkel, foi concebido para expor a cultura clássica ao novo público avido do passado. A democratização do conhecimento histórico através de espaços públicos reflete a ideia hegeliana de que a história da humanidade é um processo de autodescoberta e desenvolvimento da consciência. A arquitetura neoclássica, tornou-se um instrumento pedagógico e um símbolo do progresso histórico. Ao aprender com as formas racionais e qualificadas da antiguidade, os arquitetos criaram edifícios que dignificaram a sociedade do seu tempo na expressão de ideias de cultura, memória e transformação social.

Hegel acreditava que a história é o desenvolvimento da consciência humana em direção à liberdade, através de um processo dialético – a oposição entre ideias (tese e antítese) gera uma síntese superior. Esta evolução não ocorre de um modo linear, mas como resultado de um confronto entre o passado e o presente, conduzindo a uma necessária e vinculativa transformação social.

Para Hegel a história é o cenário ideal pelo qual o Espírito Absoluto – a consciência universal – se manifesta e se aperfeiçoa. A arquitetura neoclássica materializa esta ideia ao reinterpretar a antiguidade de modo inovador, expressando o espírito da época. A aprendizagem com o passado, impulsiona a história para níveis mais elevados de liberdade e organização social, promovendo um progresso consciente. A obra arquitetônica, para Hegel, é uma manifestação concreta do espírito, um reflexo da cultura e dos valores de uma sociedade, procurando expressar o ideal de dignidade. O espírito do neoclassicismo e a filosofia de Hegel convergem em pontos fundamentais; a história como base para a transformação, em que a arte não imita passivamente a antiguidade, filtra e reinterpreta, de modo sofisticado, propondo novos significados e simbolizando o progresso, que não renega o passado.

A universalidade e a razão para a criação de formas perenes, que transcendam o tempo e expressem as ideias do seu tempo. A dignidade concedida pela arquitetura e a filosofia, ao democratizar o acesso à cultura, materializa os valores hegelianos de aprendizagem histórica e

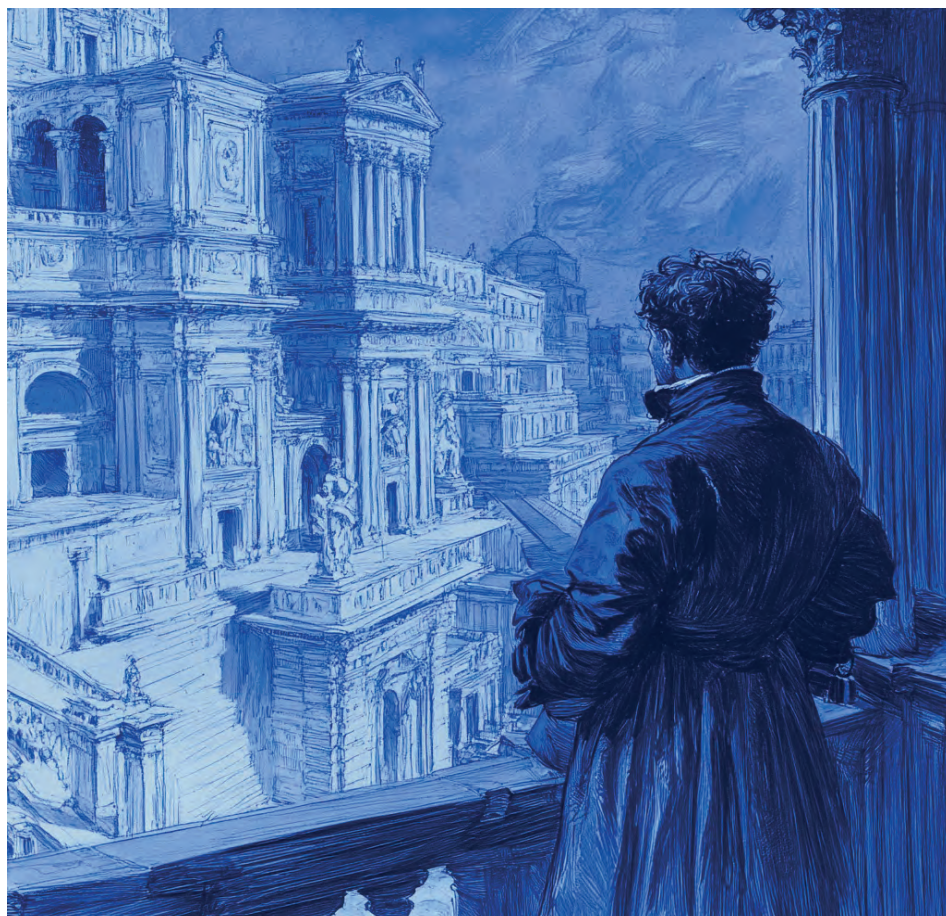




progresso social. Promovendo a formação da consciência coletiva. Os monumentos neoclássicos, tornaram símbolos de unidade e progresso, na continuidade histórica e transformação nacional, que foi apanágio do século XIX.

A arquitetura neoclássica nas cidades iluminadas e a filosofia de Hegel partilharam um ideal comum; o uso da história como um meio de transformar a sociedade e promover a consciência social e cívica. Hegel defendia que a humanidade progride através da compreensão crítica do passado, um conceito refletido no neoclassicismo, que ao recuperar a linguagem da antiguidade clássica, soube atualizar o modo de emprego pelas novas técnicas e funcionalidade, para promover as ideias iluministas de ordem, razão e universalidade. A arquitetura neoclássica tornou-se um veículo de excelência para a concretização do espírito histórico de uma sociedade mais consciente, educada e dignificada, como Hegel preconizava.





Arquitetura Neoclássica em Itália e Schopenhauer

A arquitetura neoclássica em Itália reflete uma vontade de retorno à ordem, à racionalidade e aos valores estéticos da Antiguidade Clássica, num período marcado por convulsões nacionalistas e após os tumultos do Maneirismo e do Barroco. Esta visão aparentemente contraditória, pode ser contrastada com a filosofia de Arthur Schopenhauer [1788-1860] que desafiou essa harmonia de reconhecer o irracional como a força fundamental do mundo e do universo. Schopenhauer vê a realidade como a manifestação de uma vontade cega e irracional, que impulsiona a existência humana e toda a natureza. Esta perspectiva filosófica, embora em oposição direta à racionalidade do neoclassicismo, ajudou a iluminar as tensões subjacentes entre a ordem aparente da arquitetura e a natureza caótica da existência.





Arthur Schopenhauer apresentou uma visão profundamente radical e pessimista da realidade, na qual a vontade – uma força cega, irracional e incessante, domina o mundo. A sua vontade universal, descreve a vontade como o princípio que impulsiona tudo, desde as forças naturais à ação humana. É uma força irracional, sem propósito, que conduz inevitavelmente ao sofrimento e à insatisfação.

A ilusão da razão tenta impor a ordem – como se constata na arquitetura neoclássica, a verdadeira natureza do mundo é caótica e irracional. A arquitetura pode ser interpretada como uma tentativa humana de mascarar o irracional. A arte é um modo de escapar temporariamente ao sofrimento imposto pela vontade. A contemplação e exposição estética, oferece redenção e momentos de libertação. E Schopenhauer foi imensamente feliz na Itália de Novecentos.

Apesar da aparente oposição entre a ordem racional do neoclassicismo e o irracionalismo de Schopenhauer, há elementos que interligam a sua filosofia e a arquitetura. A ordem como máscara do caos, com a sua simetria e proporção, representa um esforço humano para impor ordem sobre o caos da existência. No entanto, esta ordem é ilusória, numa tentativa vã de ignorar a verdadeira natureza irracional e sofrida do mundo. A arte como escape, oferece consolo ao sofrimento. A arquitetura com a sua beleza serena e contemplativa, pode ser encarada como uma resposta estética ao irracional, propondo à sociedade uma sensação de dignidade e harmonia, mesmo que temporária. As elites de novecentos utilizaram esta arquitetura como símbolo ostensivo de riqueza, poder e prestígio, nomeadamente a burguesia, confortável que estava a impor-se no espaço urbano e exigia instrumentos de exibição de riqueza. Schopenhauer criticaria esta instrumentalização da arquitetura, reconhecendo nela mais um exemplo da vontade cega a impulsionar o desejo de afirmação e posse.

Após o tumultuoso período do barroco e as transformações revolucionárias, o neoclassicismo simbolizava um retorno aos valores de equilíbrio e racionalidade. Contudo esta ordem estava em desacordo com as forças caóticas e irracionais da sociedade industrial e das transformações políticas emergentes.





A dignidade estética dos edifícios neoclássicos, concediam uma aparência de dignidade à sociedade e funcionavam como refúgio da desordem e do sofrimento do quotidiano, algo que Schopenhauer identificava como um papel nobre da arquitetura. Por trás da beleza e do equilíbrio da arquitetura, persistiam tensões sociais e económicas numa realidade social oculta. Schopenhauer via neste contraste um exemplo da luta entre a vontade irracional e os esforços humanos para impor uma ordem superficial.

Para Schopenhauer, o espírito humano é marcado por um conflito constante entre o desejo irracional e a busca de libertação. A arquitetura neoclássica, com a sua seriedade e serenidade, foi interpretada como um refúgio temporário, oferecendo espaços de contemplação e beleza, ajudando a aliviar o sofrimento da existência, em sintonia com a ideia de que a arte pode suspender temporariamente a tirania da vontade.





A ordem arquitetónica reflete a tentativa humana de controlar o mundo, numa ilusão de controle, impondo racionalidade, enquanto a realidade permanece caótica e irracional. As elites burguesas utilizaram o neoclassicismo com símbolo novo de riqueza, mas este seu desejo de afirmação foi apenas uma manifestação de vontade irracional. A arquitetura neoclássica e a filosofia de Schopenhauer, embora aparentemente contrastantes, dialogam em torno das tensões entre a ordem aparente e a natureza irracional do mundo. Enquanto a arquitetura busca impor harmonia e beleza, Schopenhauer denuncia esta ordem como uma ilusão, uma máscara que oculta o caos subjacente à existência. Contudo, a arquitetura como a arte, oferece um espaço de dignidade e contemplação, permitindo à sociedade escapar temporariamente ao sofrimento imposto pela vontade irracional.





(S = P + A + P)



Arquitetura Vitoriana e Karl Marx

A arquitetura vitoriana, em particular a de Londres durante o reinado da Rainha Vitória [1837-1901], reflete a intensas tensões e contradições do sistema capitalista em expansão e consolidação, consequente da revolução industrial, tendo sido tema central da filosofia de Karl Marx [1818-1883]. Durante este período, Londres tornou-se o epicentro do Império Britânico e do capitalismo industrial, exibindo simultaneamente prosperidade, opulência arquitetônica e o acentuar de profundas desigualdades sociais. A crítica de Marx ao capitalismo, com a sua teoria da luta de classes e a exploração da classe trabalhadora, pode ser lida como uma análise do modo como a sociedade e a arquitetura vitoriana serviram os interesses das elites enquanto mascaravam as dificuldades da classe operária e evidenciavam as vantagens da elite aristocrática e burguesa.





A arquitetura vitoriana em Londres e Inglaterra e exportada para o Império, simbolizava o poder e o progresso tecnológico da revolução industrial, mas também expõe as desigualdades sociais denunciadas por Marx.

O neoclassicismo ainda influenciava algumas construções vitoriana como o British Museum, finalizado em 1852, que refletia o desejo de projeção e afirmação cultural e civilizacional. Estas obras monumentalizavam o poder britânico, mas estavam profundamente ligadas à exploração das colônias e da classe trabalhadora.

Londres tornou-se uma metrópole gigante industrial, bairros aristocráticos como Belgravia e Mayfair, contrastando com zonas miseráveis como o East End, onde a classe operária vivia em condições insalubre. A própria organização urbana era, como Marx argumentaria, um reflexo real da profunda divisão entre burguesia e proletariado.

O período vitoriano viu o surgimento e consolidação de novas tipologias de arquitetura utilitária e industrial, na forma de fábricas, estações ferroviárias e bairros operários, projetados para servir a lógica do capital. Edifícios complexos como a St Pancras Station [1868-1874] exemplificam o progresso e domínio técnico e a integração da arquitetura no sistema produtivo, que, contudo, mascarava as condições precárias dos trabalhadores que as contruíram e não usufruíam.

Karl Marx desenvolveu a sua teoria de luta de classes e crítica ao capitalismo no materialismo histórico, defendendo que a história é movida pelo eterno conflito da luta de classes sociais: a burguesia que controla os meios de produção e o proletariado, que vende a sua força de trabalho. Durante a era vitoriana, estas ideias ganharam força à medida que o capitalismo industrial intensificava as desigualdades.

Marx argumentava que o capitalismo concentra a riqueza nas mãos da burguesia à custa do trabalho operário. A arquitetura vitoriana, com os seus bairros opulentos e edifícios radiantes de riqueza, simbolizaram o triunfo da burguesia mercantil, escondendo a realidade de miséria da classe trabalhadora, em bairros operários tipificados.





A alienação e o espaço público, pela industrialização, criaram uma separação entre o trabalho e o produto final. Nas cidades do século XIX, esta alienação refletia-se no planeamento urbano, onde os bairros estavam segregados e afastados o suficiente, para não se contaminarem. A luta de classes na cidade, que Marx via como um campo de batalha, nas suas divisões físicas e sociais, tornou-se o exemplo perfeito desta teoria., entre o poder da alta sociedade e os cortiços insalubres da miséria proletária.

A era vitoriana foi marcada por um duplo espírito: o otimismo em relação ao progresso científico e industrial e a denúncia das suas consequências sociais. A arquitetura refletiu esta dualidade e contradição, havendo a questão da afirmação da arquitetura industrial e a par com as últimas produções do neoclassicismo, coexistiu com os revivalismos sobretudo o gótico. Grandes monumentos ao progresso foram construídos, como o Palácio de Cristal de 1851, erigido para a Grande Exposição, a simbolizar o orgulho e a vanguarda britânica. Em contraste os bairros e habitações operárias de baixa qualidade construtiva, os *slums*, ilustravam na perfeição a crítica marxista ao capitalismo, evidenciando o desequilíbrio do sistema em desfavor de uns e favor de outros.

O espírito do tempo vitoriano e a crítica de Marx encontram-se nas seguintes relações; a exaltação do progresso, que Marx via como uma fase necessária do desenvolvimento histórico, mas marcada pela exploração. A contradição social entre os extremos da sociedade e a máscara do capitalismo; a arquitetura burguesa transmitia uma imagem de dignidade ordem, necessária à estabilidade do império, mas que ocultava um sistema baseado na alienação e na exploração.

A arquitetura vitoriana, embora expressasse o domínio burguês, concedia, paradoxalmente, uma certa dignidade à sociedade no seu conjunto. Bibliotecas, escolas e colégios, museus e teatros promoviam a educação e a cultura; Marx veria neles uma contradição, eram símbolos do progresso cultural, mas não queriam resolver a segregação económica e social.





O espírito da época, com as suas contradições, materializou-se em arquitetura que exaltava o espírito de modernidade e prosperidade, mas relevou as necessidades históricas, defendidas por Marx, de transformar a sociedade para alcançar um sistema mais justo e igualitário. O seu pensamento viria a ter tremendas consequências, nem sempre previstas por si, nas convulsões do século XX por toda a Europa. O entendimento da luta de classes foi o seu contributo para a sistematização política das sociedade e arquitetura passou a ser mais um elemento na sua estratificação formal.





(S = P + A + P)



Arquitetura Vienense e Friedrich Nietzsche

A arquitetura Vienense do século XIX e a Filosofia de Friedrich Nietzsche: Super-homem, crítica à tradição e reflexos na sociedade.

O final do século XIX foi um período de efervescência cultural, filosófica e artística, que ressoava com as ideias revolucionária de Friedrich Nietzsche [1844-1900]. Enquanto Nietzsche desafiava dois milénios de tradição filosófica e religiosa com conceitos como o 'super-homem' – *Übermensch*, o 'anticristo', Viena destacava-se como um centro de inovação arquitetónica. Marcada pela transição do historicismo para o modernismo.





A arquitetura Vienense, com o seu carácter ornamental e simbólico, refletia tanto os valores da sociedade burguesa quanto as tensões que prenunciavam mudanças no Império Austro-húngaro. As ideias nietzschianas infiltravam-se na sociedade sequiosa de mudança, porque propunham uma filosofia radicalmente distinta, que rejeitava a tradição clássica e cristã. As suas ideias centrais incluíam:

A morte de Deus: uma metáfora para o colapso dos valores absolutos e das crenças religiosas tradicionais na era moderna.

O Super-Homem – *Übermensch*: um ideal humano que transcenda os valores tradicionais e convencionais e crie as suas próprias diretrizes.

O Eterno Retorno: A ideia de que a existência se repete eternamente, o que exige uma aceitação plena da vida – *Assim falou Zaratustra*.
Crítica à Moralidade Tradicional: Nietzsche via a moral cristã como uma moral ‘de escravos’, que negava a vida e a vontade de poder. A sua filosofia, irónica, aforística e metafórica, foi profundamente crítica da sociedade contemporânea, mas também visionária, apontando para uma nova forma de existência.

No século XIX, Viena vivia um período intenso de transformação urbana e arquitetónica, impulsionado pelo crescimento da burguesia comercial e pela industrialização. A urbanidade da cidade refletia essas mudanças, adotando ainda o historicismo, como o neogótico, o neorrenascentista e neobarroco, patentes em edifícios emblemáticos como o Palácio da Ópera de Viena e o Parlamento austríaco. A Avenida Ringstrasse foi um marco da modernização urbana, simbolizando a prosperidade e o poder da sociedade burguesa vienense, como outras avenidas foram fundamentais, noutras capitais europeias. Contudo, a ornamentação excessiva, tornou-se um símbolo do conservadorismo cultural e do desejo de ostentação, antecipou a revolução que veio a acontecer com a secessão vienense. Arquitetos como Otto Wagner e Adolf Loos, começaram a questionar o historicismo, defendendo uma arquitetura mais funcional e moderna, em consonância com os ventos de mudança europeus e as novas ideias filosóficas e políticas emergentes.





A arquitetura vienense encontrou-se em caminhos paralelos com Nietzsche, porque este rejeitava a repetição mecânica dos valores clássicos, assim como Otto Wagner e outros modernistas rejeitavam os estilos históricos cristalizados. A transição da ornamentação para a sofisticação da funcionalidade, ressoava com a rejeição nietzschiana do passado.

A vontade do poder da monumentalidade da capital do império e a sua importância poderiam ser interpretadas como uma expressão simbólica da manutenção da tradição conservadora quanto na sua aspiração modernista.





O 'super-homem' e a estética urbana, encontra no ideal nietzschiano eco na tentativa da arquitetura se transcender dos limites do passado, criando algo inovador e audaz.

A filosofia de Nietzsche teve um impacto duradouro no século XX, moldando o modo de pensar e encarar a sociedade, o pensamento social e a arquitetura que dava forma à sociedade.

Movimentos como o Bauhaus e o Expressionismo arquitetónico, desde logo na cultura vienense adotaram essa postura de rutura com o passado historicista e desejaram criar, novos paradigmas. O pensamento nietzschiano criticou as estruturas sociais que legitimavam a sociedade burguesa de Novecentos e inspirou críticas ao capitalismo, ressoando com o funcionalismo por simplicidade na expressão da sociedade. Edifícios modernistas de secessão vienense de Adolf Loos, rejeitaram a ornamentação ecoando a rejeição nietzschiana da moralidade herdada.

Existiu ainda na viragem do século um paradigma entre Nietzsche, Einstein e as ruturas ocorridas, por ambos terem desafiado os conceitos fixos; tal como Nietzsche desafiou a noção de verdades absolutas na filosofia, Einstein introduziu a relatividade geral e a física quântica a par do indeterminismo, contra a física clássica determinista, cujo expoente Iluminista tinha sido Newton. A incerteza da física moderna encontrou paralelo na fluidez e na complexidade da vida humana descrita e enunciada por Nietzsche.





(S = P + A + P)



Freud e a descoberta do inconsciente e influência na arquitetura

A arquitetura vienense do final do século XIX, com a sua transição do historicismo para o modernismo, pode ser vista como uma materialização do espírito nietzschiano: uma busca por transcender limites e reinventar valores. Otto Wagner, a Avenida Ringtrasse e os primeiros modernistas como Adolf Loos, anteciparam o desejo de inovação que Nietzsche articulou em palavras. A filosofia Nietzscheana também plantou sementes para os movimentos radicais do século XX, incluindo a psicanálise de Freud, enquanto a arquitetura ampliou a ideia de dar corpo a novos modos de existência, não exclusivamente físicas, mas também filosóficas e culturais. Neste importante diálogo entre pensamento e forma, Viena emergiu como um epicentro de transformação, onde





Nietzsche e a arquitetura convergiram na tarefa comum de repensar a humanidade e o espaço que habita. Freud deu-lhe o valor da análise, na descoberta do valor e poder do inconsciente.

No início do século XX, Viena foi o cadilho de importantes transformações culturais, intelectuais e artísticas que moldaram o mundo moderno. A arquitetura modernista vienense representada por Otto Wagner e Adolf Loos, encontraram na psicanálise de Sigmund Freud [1856-1939] um modo de abordagem no desejo de explorar profundezas antes ocultas – Wagner na simplificação e racionalização da arquitetura, Klimt nas questões edipianas da arte e Freud na descoberta do inconsciente pela psicanálise e psicologia.

Simultaneamente outras forças atuavam na desmontagem do passado sólido e determinista, a teoria da relatividade geral de Einstein e o indeterminismo da física quântica contribuíram para a fermentação de um clima intelectual marcado pela incerteza e pela reavaliação de paradigmas tradicionais, explorando-se as conexões que foram catalisadoras das transformações que redefiniram as relações entre arquitetura, filosofia, arte, progresso e sociedade. A 1ª Guerra Mundial foi o clímax de todas estas forças libertadas.

Sigmund Freud revolucionou a psicologia ao propor que os comportamentos humanos eram amplamente moldados por processos inconscientes. A sua abordagem, conhecida como psicanálise, baseava-se em conceitos fundamentais: o inconsciente é a dimensão da mente que abriga os desejos, as memórias e os conflitos reprimidos. Os sonhos são a janela para o inconsciente, interpretando-os por meio de símbolos e os conflitos psíquicos convocam a tensão entre as forças dos instintos, 'ego' razão e 'superego' moralidade, moldando toda e qualquer psique. Freud argumentava que a sociedade moderna reprimia desejos instintivos, resultando em neuroses.

A sua Viena, amplamente marcada por tensões sociais e alterações culturais, a psicanálise encontrou um terreno fértil, influenciando profundamente a arte, a literatura, e de modo consequente a arquitetura.





(S = P + A + P)



Este novo espírito de entendimento social e artístico de progresso, encontrou na secessão vienense, Otto Wagner, Adolf Loos e Joseph Maria Olbrich, um movimento como o definido por Carl Emil Schorske, uma revolta edipiana. Toda esta geração e movimento não foi encarado com uma revolta de artistas excluídos, mas como um conflito de gerações de filhos contra os pais e a sua tradição. Nada disto teria sido possível, sem a disrupção provocada pelo pensamento de Nietzsche e o admirável mundo novo da psicanálise de Freud. Esta geração de arquitetos via a arquitetura como uma extensão do seu tempo, ressoando com a ideia freudiana de que a forma externa é uma manifestação de processos internos. As suas obras evidenciam um compromisso com a funcionalidade e uma preocupação com a psicologia do espaço, antecipando o impacto emocional no indivíduo.

Societas = philosophia + architectura + progressio | 71





Embora Freud e Wgner operassem em campos diferentes, uma conexão possível é a arquitetura como reflexo do inconsciente, pelo que ideias havia que convergiam em pontos essenciais; a exploração do subconsciente em que Freud abordava os desejos reprimidos e Wagner explorava as necessidades subconscientes do espaço, criando ambientes que promoviam bem-estar e eficiência. A rejeição do passado, em que ambos criticavam a tradição, Freud o dogma religioso e moral e Wagner a estagnação dos estilos arquitetônicos passados. A harmonia interna e externa, traduzia-se que Wagner buscava alcançar a 'psicologia da modernidade' em edifícios funcionais, frugais e despojados e Freud tentava compreender as manifestações externas dos conflitos internos.

A arquitetura 'revolucionária' do início do século contra o academismo pode ser assumida como a materialização das ideias freudianas; um rompimento com o supérfluo e um mergulho em profundidade nas necessidades e desejos fundamentais do ser humano civilizado, consciência e capaz.

Freud foi fundamental para a abertura de mentalidade sobre a capacidade de entendimento do grande mistério que se adivinhava e apresentado por Albert Einstein [1879-1955] na sua teoria da relatividade geral [1915].

Esta teoria disruptiva teve um impacto tremendo e significativo no pensamento da época. A ideia de que o espaço e o tempo são relativos e não absolutos, desafiou preconceitos fixos, estáveis e dogmáticos, ecoando a visão freudiana do inconsciente como um domínio fluido e dinâmico. Além disso, o indeterminismo, pelo princípio da incerteza de Heisenberg, introduzido pela física quântica contribuiu para a percepção de que a realidade era menos previsível e controlável do que se imaginava; todas as ações são meras probabilidade de acontecerem e serem causa e efeito. Esta ideias influenciaram a sociedade numa nova percepção de complexidade, incerteza e graus de liberdade de pensamento; a arquitetura assumiu-se com formas mais dinâmica e consequente da topologia, a própria Torre Einstein em Potsdam da autoria de Erich Mendelsohn de 1921, expressa no movimento expressionista de elementos moldados pelo valor da função.





A 1ª guerra Mundial, marcou uma rutura profunda na civilização europeia e assinalou definitivamente o fim de uma era. A devastação e o colapso de impérios, levaram a uma reavaliação dos valores e paradigmas. O impacto na arquitetura foi tremendo, em que a guerra intensificou a necessidade de reconstrução funcional e económica, na escassez de mão de obra qualificada e de materiais; Wagner que faleceu em 1918, presenciou o início das grandes mudanças que o século assistiria. Freud observou como os horrores da guerra expuseram os impulsos destrutivos reprimidos da humanidade, aprofundando os seus estudos sobre o 'instinto de morte – *Thanatos*'. As aplicações da física relativista e indeterminista em tecnologias de guerra, reforçaram a ideia de que o conhecimento podia ser uma força destrutiva, ecoando as preocupações éticas da época.

O modernismo Vienense assumiu uma sinergia importante entre o pensamento e a produção artística, Otto Wagner e Adolf Loos projetavam edifícios para uma sociedade em rápida transformação, e Freud explorava as mudanças psíquicas subjacentes a esse progresso. Assim como Freud interpretava sonhos Wagner reinterpreta as cidades, propondo estruturas que revelavam e atendiam aos desejos subconscientes dos clientes. A compreensão da teoria da relatividade sobre a fluidez do espaço-tempo influenciou uma original abordagem, enfatizando flexibilidade e adaptabilidade da arquitetura. Wagner e Freud, convergiam por significados profundos – o primeiro no espaço físico e o segundo no mental. Einstein e a física relativista expandiram ainda mais esse paradigma, desafiando as noções de absoluto em todas as esferas.

A 1ª Guerra Mundial consolidou essas transformações, obrigando a humanidade a enfrentar a fragilidade da civilização e a complexidade do progresso. O legado dessa época permanece como um testemunho de como a interação entre ideias, formas e valores moldam, não só as urbanidades e os edifícios, mas a compreensão de nós mesmos e do mundo que construímos e habitamos, e estamos maioritariamente distraídos e alheados.





Modernismo e Heidegger; fenomenologia do habitar

A arquitetura do Modernismo de Mies van der Rohe e Le Corbusier em diálogo com a Filosofia de Martin Heidegger: tecnologia, fenomenologia e habitar.

A arquitetura modernista do século XX do pós-guerra, amplamente difundida por Mies Van der Rohe e Le Corbusier, marcou uma distopia significativa com os estilos históricos e uma valorização das novas funcionalidades, da aparente simplicidade e da integração plena da modernidade tecnológica. Simultaneamente, o pensamento filosófico de Martin Heidegger [1889-1976] abordou, de modo crítico e reflexivo, o impacto da tecnologia na conceção do mundo e na relação do homem com o espaço e o habitar.





A sua filosofia fenomenológica e hermenêutica, relaciona-se com princípios da arquitetura modernista, explorando que ambos interpretaram o mundo tecnológico do século XX e as suas implicações para a sociedade do século XX. O modernismo incluiu no seu pensamento o conceito heideggeriano de ‘pensar, habitar, construir’ e a sua relevância simbólica na sua cabana refúgio em Todtnauberg como contraponto à mecanização e alienação modernas.

Heidegger foi um importante filósofo do século XX, conhecido pela sua abordagem fenomenológica e hermenêutica da existência humana, em reflexões sobre o *Ser e Tempo* de 1927, numa investigação sobre a condição humana – *Dasein*, enfatizando a temporalidade e a relação com o mundo. A crítica à tecnologia, no ensaio a ‘*Questão da técnica*’ de 1954, em que argumenta que a tecnologia moderna reduz o mundo





a stock de recursos a utilizar, desumanizando a relação com a natureza; não poderia estar mais certo! Habitar como existência autêntica, é propor uma visão de que a habitar é mais do que ocupar um espaço; é um modo de ser, estar e permanecer, que envolve cuidado, pertença e significado.

O conceito de 'construir, pensar, habitar' sintetiza a visão heideggeriana de que a arquitetura deve possibilitar um habitar autêntico, em harmonia com o ser e o ambiente. A sua cabana-refúgio nos Alpes da Floresta Negra, encarna a simplicidade e a autenticidade que associava ao habitar verdadeiro, expondo austeridade, frugalidade e a sofisticação da filosofia. Sem eletricidade ou confortos modernos, a cabana representava um retorno às raízes, uma oposição ao mundo técnico consumista e uma conexão profunda com a terra e o lugar.





Apesar de Heidegger ser crítico da tecnologia, as suas ideias fenomenológicas encontram pontos de convergência com o modernismo arquitetônico. Habitar o espaço; tanto Heidegger quanto os modernistas consideravam o espaço algo mais que funcional; deveria proporcionar uma experiência significativa. Mies com a sua transparência e integração com a envolvente e Le Corbusier com as suas habitações organizadas, refletiam uma preocupação com o modo como o homem habita o seu mundo. Uma simplicidade e essência, percorria o minimalismo de Mies, que ressoa com a ideia heideggeriana pela essência do habitar. Ambos rejeitaram excessos, enfatizando o essencial. Embora Heidegger critique o caminho que a tecnologia estava a tomar, reconhece que usada de modo adequado, pode ser compatível com o habitar autêntico. Minimalismo e funcionalidade, compunha o famoso lema 'menos é mais' que orientava a estética de Mies, eliminando ornamentos em favor de formas puras e materiais industriais como o aço e o vidro. Os edifícios de Mies, procuraram uma universalidade e abstração, em favor de uma temporalidade que ressoava com a ideia de uma experiência universal do espaço. A transparência do vidro criava uma relação simbiótica entre o interior e o exterior, ressoando com a fenomenologia do espaço.





Le Corbusier com a habitação como máquina de habitar e viver, via os edifícios como formas mecanizadas funcionais, projetadas para atender às necessidades modernas de modo eficiente e racional. Os seus cinco pontos da Nova Arquitetura – pilotis, plantas livres, fenestrações horizontais, fachadas livres e terraços-jardins, definiram as suas propostas mais racionais. Um urbanismo modernista preconizado, como com a Unité d'Habitation – Marselha 1952, representou a sua visão de como a arquitetura poderia organizar e melhorar a vida comunitária. Ambos os arquitetos incorporaram o uso da tecnologia moderna do seu tempo, criando espaços que respondiam às crescentes solicitações de uma sociedade industrializada do pós-guerra e em rápida e acentuada transformação rumo à sociedade da modernidade líquida.

Contudo, havia também antagonismos manifestados; Heidegger via a tecnologia como alienante, enquanto Le Corbusier, celebrava a sua capacidade de transformação da vida urbana. Heidegger valorizava o lugar como contexto único e insubstituível, enquanto Mies e Le Corbusier procuravam a abstração e a universalidade do lugar urbano. A ideia de Le Corbusier de habitações como máquinas, contrasta com a visão de Heidegger de um habitar enraizado na terra e na tradição.

A interação entre as ideias de Heidegger e a arquitetura modernista teve repercussões significativas no pensamento arquitetónico e filosófico do século XX: Movimentos pós-modernos, rejeitaram a abstração e simplificação formal universal, aproximando-se da preocupação heideggeriana com o lugar e a identidade.

A crítica de Heidegger à tecnologia, inspirou movimentos arquitetónicos voltados para a sustentabilidade, a economia circular e a ecologia, numa relação mais sensível com a envolvente e a natureza.

A sua fenomenologia proporcionou a arquitetos, como Peter Zumthor a incorporação de princípios fenomenológicos que evoquem experiências sensoriais profundas.

A filosofia de Martin Heidegger e a arquitetura modernista de Mies Van der Rohe e Le Corbusier, refletem duas respostas distintas, mas interconectadas, aos desafios da modernidade.





Enquanto os modernistas abraçaram a tecnologia como um meio de moldar o futuro, Heidegger alertava para os riscos da alienação e desumanização que esta efetivamente veio a trazer.

No entanto. Ambos partilhavam a preocupação com o habitar como uma experiência essencialmente humana, seja pela funcionalidade racionalista do modernismo. Seja na autenticidade fenomenológica de Heidegger. Esse diálogo entre filosofia e arquitetura continua a inspirar reflexões sobre como concebemos e habitamos o mundo tecnológico contemporâneo.





Arquitetura modernista na sociedade existencialista

A sociedade pós 2ª guerra Mundial, marcada por uma multiplicidade de realidades e experiências, traumáticas e disruptivas, encontrou-se confrontada com as exigências filosóficas e artísticas que emergiram. Pensadores profundos como Walter Benjamin, Jean Paul Sartre e Jacques Derrida, ofereceram perspectivas críticas que influenciaram profundamente a produção arquitetônica do modernismo tardio.

A análise do existencialismo e a condição humana por Jean-Paul Sartre, um dos principais expoentes do existencialismo, enfatizou a liberdade individual e a responsabilidade pessoal na construção do significado da vida. O seu pensamento destacou a angústia e a incerteza





inerentes à condição humana, especialmente num mundo abalado pelos horrores da guerra. Essa visão influenciou a arquitetura modernista do pós-guerra, que buscou refletir sobre a complexidade da existência humana por meio de modos que priorizavam a funcionalidade e a expressão individual. O convento de Nossa Senhora de la Tourette, em França projeto de Le Corbusier, reflete uma abordagem que convidava o indivíduo a uma experiência direta com a realidade, alinhando-se com os princípios existencialistas.

Jacques Derrida, com a sua filosofia da desconstrução e complexidade do significado, desafiou as estruturas fixas de significado, propondo que os textos e, por extensão, as obras de arte e a arquitetura, possam possuir múltiplas interpretações. Essa abordagem influenciou arquitetos a explorarem formas não convencionais e a questionarem as normas estabelecidas, resultando em projetos que refletem a fragmentação e complexidade da sociedade que se alterava.

Walter Benjamin, no seu ensaio 'A obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade técnica', argumentou que a capacidade de reproduzir obras de arte em massa resultou na perda da sua 'aura' única. Essa ideia teve implicações significativas na arquitetura modernista, que começou a incorporar materiais industriais e técnicas de construção em massa. Embora esta ação tenha democratizado o acesso a edifícios modernos, levantou também importantes questões sobre a autenticidade e a originalidade na arquitetura proposta e construída. A obra de Benjamin sugere que, embora a reprodução técnica permita uma maior acessibilidade, também desafia a singularidade e a presença histórica das obras de arte e da arquitetura.

A arquitetura modernista foi profundamente influenciada pelas correntes filosóficas que, na ênfase da funcionalidade e na utilização de novos materiais, técnicas e tecnológicas, procuraram uma ideia de liberdade individual e a responsabilidade coletiva promovidas pelo existencialismo. Além disso, a incorporação de elementos da indústria e a produção em massa de componentes arquitetónicos refletem as preocupações de Benjamin sobre a veleidade da reprodutibilidade técnica.





A interseção entre a filosofia existencialista de Sartre, nas teorias de Benjamin e Derrida, a arquitetura modernista revela uma profunda conexão entre o pensamento crítico e a praxis. As obras desse período respondem às realidades distintas deste novo mundo, mas também refletem as complexas exigências filosóficas do seu tempo, resultando numa linguagem funcional, expressiva e profundamente comprometida com o ideal de progresso.

O existencialismo foi uma corrente filosófica que se concentrou na análise da existência humana e em questões relacionadas à liberdade, responsabilidade e significado da vida. Emergiu como uma escola de pensamento em Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre.

Uma das principais ideias do Existencialismo é que a existência humana é única e que cada indivíduo deve criar o seu próprio significado na vida. Isso significa que as pessoas devem assumir a responsabilidade pelas suas próprias escolhas e ações, e que não há um conjunto de valores ou crenças que se apliquem a todos indiscriminadamente.

Outro conceito central do Existencialismo é a ideia de angústia ou ansiedade existencial. Os existencialistas sustentam que a vida humana é marcada pela incerteza e pela falta de sentido, e que as pessoas são confrontadas com a necessidade de escolher a sua própria direção de vidas sem uma orientação clara. Isso pode conduzir a sentimentos de ansiedade e desespero, mas também pode levar a uma liberdade maior e a uma compreensão mais profunda da natureza humana.

O Existencialismo enfatiza a importância da liberdade e da responsabilidade individual na criação do significado e propósito da vida. Concretiza-se nas questões existenciais e na natureza da existência humana e foi uma das correntes filosóficas mais importantes do século XX.

A sociedade Flexiexistencialista e as suas realidades distintas: modernidade líquida, consumo e arquitetura pós-moderna

A sociedade contemporânea, frequentemente descrita como flexível e existencialmente fluida, reflete a confluência de múltiplas realidades: uma modernidade líquida que dissolve certezas, uma cultura





de consumo que molda valores e comportamentos. E uma concepção de progresso marcada por ruturas paradigmáticas. Autores como Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky e Thomas Kuhn forneceram chaves interpretativas para compreender essas dinâmicas. Pode explorar-se como essas ideias se manifestaram na arquitetura pós-moderna, numa linguagem que respondeu às complexidades e contradições do mundo atual.

A sociedade Flexiexistencialista caracterizada pela pluralidade e multiplicidade, tem refletido as tensões entre as certezas perdidas da modernidade e as possibilidades do consumo e da mudança paradigmática. A arquitetura pós-moderna emerge como um espelho dessa complexidade, celebrando a diversidade e o ecletismo, mas também enfrentando os desafios de criar espaços significativos num mundo globalizado fragmentado.

Ao conectar as ideias de Bauman, Lipovetsky e Kuhn com a produção arquitetônica do pós-modernismo, reconhece-se que a arquitetura não responde apenas às dinâmicas sociais, mas também as molda. Assim um certo futuro da arquitetura, como das sociedades, dependerá de um equilíbrio numa geometria variável entre fluidez e estabilidade, inovação e identidade, ideologias e propósitos.

A relação entre sociedade, filosofia e arquitetura continuará a evoluir à medida que novas realidades e desafios. No entanto, as lições da modernidade líquida, do consumismo e das ruturas paradigmáticas oferecem importantes insights: A sustentabilidade e a identidade, deve equilibrar a fluidez com a necessidade de identidades estáveis e sustentáveis. A diversidade e a coerência na pluralidade pós-moderna devem ser integradas num tecido urbano coerente, que respeite as necessidades sociais e ambientais. Assim como Kuhn e Bauman exploram as implicações das mudanças tecnológicas, refletindo criticamente sobre o impacto da tecnologia da tecnologia na vida social.





A modernidade líquida de Zygmunt Bauman é caracterizada como uma era de incertezas e instabilidades, em que os antigos pilares da identidade, como o trabalho, a comunidade e a tradição, são dissolvidos pela fluidez das relações e das estruturas sociais. As suas ideias fundamentais incluem a flexibilidade e a precariedade, em que o indivíduo é compelido a adaptar-se constantemente a uma sociedade em rápida transformação. Os desafios da identidade, tornam-se transitórias. Moldadas pelo consumo e pela performance social. A individualização supera as responsabilidades antes coletivas, que se tornam individuais acentuando o isolamento e a sensação de vulnerabilidade. Na arquitetura pós-moderna, essa fluidez reflete-se na rejeição das certezas formais e funcionais do modernismo, nessa ainda capaz modernidade sólida, dando espaço a uma multiplicidade de estilos, influências e interpretações.





A sociedade de consumo de Gilles Lipovetsky, analisa o consumo e redefine os valores e os comportamentos da sociedade contemporânea. No mundo hipermoderno, descrito nas suas obras, destaca-se o consumo como identidade, sendo que as escolhas de consumo se tornam expressões de individualidade e pertencimento.

O efêmero e o estético, dominam a produção cultural e arquitetónico, com ênfase na experiência sensorial. A busca por prazer e conforto molda as aspirações pessoais e sociais, numa atitude hedonista e de liberdade.

Na arquitetura pós-moderna, o consumo é incorporado como um tema central, refletido em obras que celebram o espetáculo, o entretenimento e o marketing urbano. Exemplos incluem shopping centres, museus-ícones e edifícios que priorizam a estética absoluta sobre a utilidade.





Thomas Kuhn na sua '*A estrutura das Revoluções Científicas*' propõe que o progresso ocorre através de ruturas paradigmáticas, em vez de um desenvolvimento linear. Os seus principais princípios incluem que o avanço do conhecimento é marcado pela substituição de paradigmas estabelecidos por novos modos de compreender o mundo, por meio de paradigmas e crises.

A mudança paradigmática é disruptiva, desafiando as certezas anteriores e na incerteza no progresso.

A arquitetura pós-moderna ecoa essa visão ao romper com os paradigmas modernistas. Rejeita a ideia de progresso linear, celebrando a diversidade, o ecletismo e a subjetividade como valores fundamentais.





A concepção do progresso científico proposto por Thomas Kuhn oferece uma lente valiosa para compreender as transformações culturais e arquitetônicas que moldam este tempo de mudanças. Na sua obra seminal 'A Estrutura das Revoluções científicas', Kuhn desafiou a visão linear e acumulativa do progresso científico propondo que o desenvolvimento da ciência ocorre por meio de paradigmas sucessivos. Esses paradigmas, conjunto de práticas e conceitos compartilhados por uma comunidade científica, são periodicamente substituídos por novos, em processos que Kuhn denomina revoluções científicas. Essa perspectiva destaca a natureza descontínua e revolucionária do progresso, enfatizando a importância das mudanças de paradigma na evolução do conhecimento.

A noção de sociedade Flexiexistencialista alinha-se com o conceito de 'modernidade líquida' de Zygmunt Bauman, que descreve uma era de incerteza e constante transformação, onde as estruturas sociais e identitárias são fluidas e mutáveis. Nesse ambiente, os indivíduos enfrentam desafios na busca por estabilidade e significado, refletindo uma existência marcada pela flexibilidade e adaptação contínua.

A ideia de progresso de Kuhn, com as suas transições abruptas entre paradigmas, ressoa com a experiência contemporânea de mudanças rápidas e imprevisíveis. A sociedade atual, caracterizada por avanços tecnológicos disruptivos e transformações culturais, espelha o modelo kuhniano de revoluções paradigmáticas, onde modelos antigos são rapidamente substituídos por novos, exigindo constante adaptação. O seu impacto na arquitetura contemporânea, como expressão material da cultura, reflete essas dinâmicas sociais e filosóficas. Na sua ênfase de funcionalidade e normalização, o modernismo promoveu design que priorizaram a clareza formal e estrutural.

A concepção de progresso de Thomas Kuhn oferece uma estrutura valiosa para compreender as transformações na sociedade Flexiexistencialista e a sua manifestação na arquitetura contemporânea. As mudanças de paradigma, tanto na ciência quanto na cultura, impulsionam a inovação e refletem a natureza dinâmica da experiência humana evidenciando a interconexão entre pensamento, sociedade e espaço construído.





No século XXI, a arquitetura continua a evoluir em resposta às rápidas mudanças tecnológicas e sociais. A incorporação de tecnologias digitais, preocupações ambientais e a busca por espaços mais flexíveis, inclusivos e adaptáveis, refletem a natureza fluida resultante da consistência da sociedade Flexiexistencialista. Rem Koolhaas, Coop Himmelblau, BIG, exemplificam essa abordagem, criando estruturas que desafiam convenções e respondem às complexidades do mundo socialmente ativo e divergente.

A arquitetura pós-moderna reflete e responde às realidades fragmentadas e plurais da sociedade Flexiexistencialista; nas suas características inclui-se a heterogeneidade e o ecletismo, a ironia e a contradição, a estética de consumo e do espetáculo e a ampla relação com a cidade.





A convivência de estilos históricos e contemporâneos, como no celebrado edifício Portland de Michael Graves, que combina ornamentos clássicos com a expressão contemporânea. A arquitetura pós-moderna frequentemente incorporou elementos irônicos e contraditórios, como nas obras de Robert Venturi e Denise Scott Brown, que celebram a complexidade e a contradição e ainda a ambiguidade. A estética do consumo e do espetáculo, produziu edifícios icônicos e irônicos, que se tornaram símbolos do consumo cultural e turístico. A arquitetura pós-moderna abraça a escala humana e a complexidade urbana, procurando criar espaços que reflitam a diversidade das experiências sociais.

As ideias de Bauman, Lipovetsky e Kuhn convergem e contradizem-se na sociedade contemporânea e na arquitetura pós-moderna. Enquanto Bauman enfatiza a fluidez e a incerteza, Lipovetsky sugere que o consumo oferece novas formas de identidade. A arquitetura pós-moderna incorpora ambas as perspectivas, criando edifícios que são simultaneamente flexíveis e icônicos; fluidez versus identidade.

A visão de Kuhn sobre rupturas paradigmáticas encontra eco na rejeição do modernismo pela arquitetura pós-moderna. No entanto, a busca por 'novidade' no pós-moderno inúmeras vezes resulta numa repetição de códigos históricos, em constante progresso e ruptura. A arquitetura pós-moderna reflete a tensão entre o superficial, o espetáculo e o profundo, o significado cultural e social. A relação entre sociedade, filosofia e arquitetura continuará a evoluir à medida que novas realidades e desafios se apresentam. No entanto, as lições da modernidade líquida, do consumismo e das rupturas paradigmáticas oferecem importantes insights: Sustentabilidade e identidade; a arquitetura do futuro deverá equilibrar a fluidez com a necessidade de identidades estáveis e sustentáveis; diversidade e coerência; a pluralidade pós-moderna deve ser integrada num tecido urbano coerente, que respeite as necessidades sociais e ambientais.

Tecnologia e humanidade; assim como Kuhn e Bauman exploraram as implicações da mudança tecnológica, a arquitetura deve continuar a refletir criticamente sobre o impacto da tecnologia na vida, na sociedade e no ambiente.



A sociedade Flexiexistencialista, caracterizada pela pluralidade, ruptura e fluidez, reflete as tensões entre as certezas perdidas da modernidade e as possibilidades do consumo e da mudança paradigmática. A arquitetura pós-moderna, no seu amplo termo emerge como um espelho dessa complexidade, celebrando a diversidade e o ecletismo, mas também enfrentando os desafios de criar espaços e formas significativas num mundo globalizado e fragmentado. Ao conectar as ideias de Bauman, Lipovetsky e Kuhn com a produção arquitetônica da pós-modernidade introduzida com a revolução digital, reconhece-se que a arquitetura não apenas responde às dinâmicas sociais, mas também a molda, por dar forma ao ambiente comum. As próximas ambições da arquitetura, mas também da sociedade em geral, dependerá de um equilíbrio delicado entre a fluidez e a estabilidade, a inovação e a identidade.





(S = P + A + P)



Philip Johnson; o arquiteto líquido

Philip Johnson [1906-2005] foi um expoente maior da arquitetura do século XX por ter tido a capacidade de adaptar-se e influenciar os distintos e diversos movimentos arquitetônicos do longo da sua profícua e inventiva carreira. A sua trajetória profissional reflete uma versatilidade que lhe rendeu a reputação de arquiteto 'camaleão'.

Nos anos 30, Johnson iniciou a sua carreira como historiador e crítico de arquitetura; em 1932, coorganizou a exposição 'Modern Architecture: International Exhibition' no MoMA – Museu de Arte Moderna de Nova York, que difundiu e popularizou o Estilo Internacional, sublimação formal do Modernismo na vertente sólida. Durante esse período, Johnson conheceu Ludwig Mies van der Rohe, cuja influência foi signi-





ficativa na sua formação e afirmação como arquiteto. A colaboração incluiu a conceção do Seagram Building de 1958 em Nova York, um marco modernista de sofisticação formal que exemplifica a estética minimalista e funcionalista do Estilo Internacional.

A transição para o Pós-Modernismo, inicia-se nos anos 80, com Johnson a procurar novas direções, distanciando-se o rigor repetitivo modernista. A sua obra mais emblemática desse período foi o AT&T de 1984 em Nova York. O edifício na sua ironia, destaca-se pelo topo ornamental que evoca um móvel 'Chippendale', simbolizando a rutura com os princípios do modernismo e a adoção de elementos históricos e decorativos, característicos do pós-modernismo.

O seu envolvimento seguinte foi com o desconstrutivismo, um movimento que desafia as convenções arquitetónicas tradicionais por meio de formas topológicas, fragmentadas e não lineares. Em 1988, coorganizou a exposição '*Deconstructivist Architecture*' novamente no MoMA, que apresentou ao público as obras recentes de arquitetos como Frank Gehry e Zaha Hadid. Embora Johnson não tenha produzido obra desconstrutivista significativa, o seu apoio ao movimento foi crucial para a sua legitimação e divulgação, movimento este próximo da modernidade líquida de Bauman.

A carreira Philip Johnson ilustra uma notável capacidade de adaptação e reconhecimento da filosofia do seu tempo. A sua transição do modernismo ao pós-modernismo e o seu envolvimento com o desconstrutivismo, refletem uma mente aberta às evoluções estéticas e conceituais da arquitetura, que aliada com a filosofia da modernidade líquida, consolidou o seu legado como o de um dos arquitetos mais versáteis e influentes do século XX, que permite conceber que uma mente aberta, disruptiva e de uma vivência Flexiexistencialista, permite haver a adesão plena ao evoluir histórico de uma filosofia, uma existência arquitetónica e um sentido de progresso, que agem continuamente em solidariedade identitária, formal e substancial.





(S = P + A + P)



Societas = philosophia + architectura + progressio | 93





$S = P^2 + A^2 + P^3$ - A arquitetura na Sociedade Flexiexistencialista

Sob o lema Societas = philosophia + architectura + progressio, explora-se a necessidade da arquitetura, amparada e fortalecida pela filosofia e impulsionada pelo progresso, numa síntese de arte, técnica e cultura, encontrando-se no centro das transformações provocadas pela revolução digital, pela inteligência artificial e pelas novas exigências de uma sociedade marcada pela flexibilidade e existencialismo. Simultaneamente, a filosofia contemporânea e os seus protagonistas, oferecem ferramentas críticas para refletir sobre as complexidades da condição humana e a sua relação com o espaço habitado.

Nesta contemporaneidade, argumenta-se que a arquitetura enquanto arte de elite e culturalmente avançada, deve reconciliar a sua natureza





exigente com uma abordagem democrática. Só assim poderá responder às exigências e diversidade da sociedade moderna, integrando estética, funcionalidade e propósito. A filosofia do século XX e no seu entendimento do valor do espaço no pensamento contemporâneo, oferece um quadro teórico indispensável para entender a arquitetura no seu contexto atual. Martin Heidegger, Gilles Deleuze, Gilles Lipovsky, Alan de Botton e Byung-Chul Han, construíram elementos sólidos de análise das sociedades, que assim chegaram até ao século XXI.

Heidegger e o 'Habitar Pensante', é consequente a 'Construir, Habitar, Pensar', propondo que habitar é o ato essencial da existência humana. A arquitetura deve transcender a técnica e a funcionalidade, criando espaços que permitam às pessoas experimentar o 'ser' na sua plenitude. Habitar é um diálogo com o mundo do seu tempo, exigindo que a arquitetura respeite o contexto e a identidade dos lugares. Esta visão inspirou arquitetos contemporâneos como Peter Zumthor cujos projetos evocam um sentido profundo de lugar e memória, e Tadao Ando, que utiliza a luz e a textura bruta do betão para conectar os habitantes ao espaço e às formas.

Gilles Deleuze e a complexidade, na sua filosofia rizomática, desafia os paradigmas fixos, sugerindo que a arquitetura pode ser uma manifestação da fluidez e da multiplicidade da vida contemporânea. Esta vertente de pensamento, encontra eco na arquitetura paramétrica desconstrutivistas, que rompem com a linearidade tradicional e celebram a complexidade.

Gilles Lipovsky descreve a sociedade atual como hipermoderna, mascarada por um individualismo exacerbando, consumo desenfreado e uma busca incessante por experiências imediatas e gratificação imediata e instantânea. Nesse contexto, a arquitetura não é apenas um abrigo funcional, mas também um símbolo de status e identidade pessoal. Edifícios emblemáticos, exemplificam como a arquitetura pode revitalizar cidades e satisfazer o desejo contemporâneo por novidade e distinção.

Byung-Chul Han entendeu que a sociedade contemporânea é a sociedade do cansaço, marcada pela Hipe conectividade e pelo individualismo extremo; argumenta que espaços arquitetónicos qualificados e adequados, promovem descanso, contemplação e bem-estar, contrabalançando o frenesi, cansaço e indiferença da modernidade.



Byung-Chul Han analisa a sociedade contemporânea como uma sociedade do cansaço, onde a pressão por desempenho e produtividade leva ao esgotamento físico e mental. Nesse cenário, a arquitetura pode oferecer espaços de contemplação e descanso, contrapondo-se à agitação constante. O Templo da Água em Hompukuji de Tadao Ando, exemplifica como a arquitetura pode criar ambientes de tranquilidade reflexão, proporcionando um refúgio do ritmo frenético da vida moderna. A revolução digital veio alterar profundamente o processo criativo e a prática arquitetônica ao mesmo tempo que redefinia a interação humana com os novos espaços para a sociedade em transição. As ferramentas digitais da modelagem paramétrica permitem a estruturação de formas complexas topológicas e a impressão 3D pode permitir a construção rápida e sustentável, democratizando a arquitetura.





(S = P + A + P)



A realidade virtual aumentada e a experiência do espaço transformam o modo como os arquitetos projetam e os utilizadores vivenciam o espaço, tornando-a mais acessível e interativa. A inteligência artificial, na sua capacidade extraordinária de analisar dados, facilitará o desenho generativo, em que algoritmos propõem soluções otimizadas para problemas arquitetónicos, clientes e geografias específicas.





Beleza, Técnica e Funcionalidade: uma triangulação essencial

A arquitetura contemporânea enfrenta o desafio de equilibrar a beleza estética, a eficiência técnica e a funcionalidade prática.

A beleza é um atributo essencial, mas frequentemente menorizado em favor da eficiência. O filósofo Alain de Botton em '*A Arquitetura da Felicidade*', destaca que espaços belos elevam o espírito para além da sua capacidade de uso e cumprirem a função; foi a grande distinção entre arquitetura e construção qualificada. A técnica permite à arquitetura materializar ideias ambiciosas, mas a supervalorização da tecnologia por resultar em edifícios desumanizados; a experiência humana fundamental de acesso e reconhecimento do conforto, acessibilidade e





segurança, deve combinar a inovação técnica, com a sensibilidade estética e o reconhecimento da beleza como mais-valia.

Alain de Botton argumenta que os espaços construídos humanos, influenciam profundamente o nosso bem-estar emocional e psicológico. Sugere que a arquitetura deve aspirar a criar ambientes que promovam a felicidade e o conceito abstrato de conforto. Exemplos de projetos de Alvar Aalto, que harmonizam estética acolhedora com a funcionalidade, exemplificam essa sua teoria.

A arquitetura é muitas vezes percebida como uma arte elitista, é uma arte erudita, pela obrigação de concatenar e transversalmente incorporar inúmeras disciplinas, que criam edifícios culturalmente avançados que desafiam a percepção comum e elevam o discurso arquitetónico. Contudo, a tendência para uma arquitetura democrática, criará construção mais acessível e a promoção de espaços públicos inclusivos que sirvam toda a comunidade.

A sociedade Flexiexistencialista exige que a arquitetura responda a múltiplas exigências e realidades. A flexibilidade e mutabilidade, são essenciais aos edifícios contemporâneos que devem ser adaptáveis às realidades e mudanças sociais, económicas e tecnológicas. Bons exemplos incluem estruturas modulares e reutilizáveis, como todos os exemplos do Serpentine Pavillion, em Londres.

A sustentabilidade e a ética, são um imperativo, em que arquitetos como Norman Foster, liderando projetos que minimizam o impacto ambiental. A ética na arquitetura inclui respeito pelos contextos culturais e históricos. A arquitetura deve equilibrar a expressão individual com a criação de espaços coletivos que fomentem o sentido de comunidade. A arquitetura no século XXI tem um propósito, de transcender a eficácia e desempenho tecnológico, aspirando a objetivos mais elevados. A arquitetura tem o poder de inspirar e transformar a sociedade, como foi a seu tempo o Centre George Pompidou de Renzo Piano e Richard Rogers. Num mundo marcado pelas crises que se acentuam de mudanças e alterações climáticas, desigualdade social, conflitos ideológicos, a arquitetura deve oferecer soluções práticas e visionárias, na promoção da educação e da erudição. A arquitetura contemporânea revele-se como



uma disciplina essencial para a sociedade flexiexistencialista. Enraizada na filosofia, incrementada na revolução digital e moldadas pelas exigências contemporâneas, desempenha um papel crucial na formação de um mundo mais belo, funcional e inclusivo.

Embora exigente e culturalmente avançada, a arquitetura deve sempre ansiar pela sua democratização, garantindo que as suas realizações beneficiem todas as vertentes das sociedades; poderá assim cumprir o seu propósito de criar contentores válidos que inspirem o progresso humano em todas as suas dimensões.

A arquitetura contemporânea reflete as dinâmicas sociais, culturais e filosóficas do seu tempo, enquanto influencia e molda essas mesmas dinâmicas. Numa sociedade Flexiexistencialista, onde as identidades são fluidas e as experiências são valorizadas, a arquitetura deve ser adaptável, sustentável e centrada no ser humano. Projetos como o High Line em Nova York, uma linha férrea elevada transformada em parque urbano, demonstram como a arquitetura pode reutilizar espaços obsoletos para atender às necessidades contemporâneas, promovendo a interação social e o bem-estar comunitário.

A arquitetura na sociedade contemporânea transcende a mera construção de edifícios; entrelaça-se com as correntes filosóficas que definem a nossa compreensão de nós mesmos e da envolvente. Ao considerar-se as perspetivas de pensadores como Heidegger, Lipovetsky, de Botton e Han, reconhece-se que a arquitetura tem o potencial de responder às complexidades da vida moderna, oferecendo espaços que possam promover o bem-estar e conectem de modo significativo o modo de habitar o ambiente construído.

A filosofia contemporânea tem desempenhado um papel crucial na compreensão e interpretação das dinâmicas da sociedade atual, frequentemente denominada de modernidade líquida, conceito introduzido por Zygmunt Bauman para caracterizar a fluidez e a volatilidade das relações sociais, instituições e identidades no mundo contemporâneo.

A influencia da filosofia contemporânea na modernidade líquida, implica pensadores contemporâneos na exploração das implicações da





modernidade líquida em diversos aspectos da vida social e civilizacional. Bauman analisa como a transitoriedade das relações e a efemeridade dos vínculos afetam a construção da identidade e a percepção da segurança na sociedade.

Além disso, filósofos como Byung-Chul Han, investigam a sociedade contemporânea sob a ótica da psico política e da cultura do desempenho, destacando como a pressão por produtividade e a autoexploração caracterizam a era atual. Essas análises filosóficas fornecem ferramentas para compreender a complexidade e desafios da modernidade líquida, influenciando, por sua vez, o modo como a arquitetura responde às necessidades emergentes.

A sociedade Flexiexistencialista, caracterizada pela busca da flexibilidade e adaptação constante, exige que a arquitetura responda de maneira inovadora e sensível às necessidades mutáveis dos indivíduos. Arquitetos contemporâneos, tem criado espaços multifuncionais e adaptáveis à exigente fluidez. Pensadores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jean-François Lyotard exploraram as dinâmicas do poder, subjetividade e fragmentação do conhecimento na sociedade contemporânea, contribuindo para a compreensão das características da modernidade líquida. Byung-Chul Han analisa a sociedade atual sob a ótica da psico-política e da cultura do desempenho, destacando como a pressão da produtividade e a autoexploração caracterizam a era contemporânea.

A arquitetura tem respondido às exigências da sociedade caracterizada pela busca de flexibilidade e adaptação constante, por meio de projetos que incorporam espaços multifuncionais e adaptáveis, refletindo a fluidez da vida moderna. Arquitetos como Frank Gehry e Zaha Hadid exemplificaram essa abordagem, criando estruturas que desafiam convenções e respondem às complexidades do mundo moderno.

A filosofia contemporânea oferece insights valiosos sobre as características e desafios da modernidade líquida, influenciando diretamente a forma como a arquitetura é concebida para atender às solicitações da sociedade flexível. Ao integrar conceitos filosóficos e sociológicos, a arquitetura tenta responder às complexidades de um mundo que se complexa a todo o momento.



O labirinto filosófico e a complexidade da existência

O labirinto é uma simbologia antiga que tem sido utilizado em diversas culturas e contextos ao longo das civilizações; embora a sua forma e significado possam variar, o labirinto é geralmente associado a uma jornada, física ou metafórica, envolvendo desafios, descobertas e incógnitas.

Uma das primeiras representações conhecidas de um labirinto, é o de Cnossos, em Creta. O labirinto, laboriosamente e habilmente construído para o habitar do Minotauro, criatura com cabeça de touro e corpo vigoroso de homem, servia na sua tranquilidade como um desafio para todos aqueles que ousavam desafiá-lo. A lenda de Teseu, que conseguiu vencer o minotauro com o fio de Ariadne, é um exemplo clássico





co de como o labirinto era visto como uma jornada perigosa, mas que poderia proporcionar uma recompensa valiosa. Noutras culturas, o labirinto também tem sido utilizado como um símbolo de espiritualidade e autoconhecimento. Na tradição cristã, o labirinto foi usado como um caminho de peregrinação para os fiéis, que o percorriam como um modo de meditação e contemplação. Noutras ainda, o labirinto tem sido associado à busca de respostas e à compreensão do mundo e cada um.

O labirinto também sido usado em diferentes formas de arte como demonstração da complexidade de entendimento da arte complexa; Dante Alighieri na 'Divina Comédia', o labirinto é utilizado como um símbolo de pecado e do caos, enquanto que José Luís Borges na 'O jardim de veredas que se bifurcam', o labirinto é utilizado como um exemplo de estrutura não-linear. Na música, o labirinto é encontrado em 'Missa de Nossa Senhora' de Joaquin des Prez, como o modo de representar a jornada da alma em busca da salvação.

O conceito de labirinto atravessou os tempos, assumindo diferentes significados na mitologia, filosofia e arquitetura. No entanto, uma constante que o caracteriza é a complexidade inerente à sua forma, substância e simbolismo, que ressoam profundamente com a experiência humana. Entrar num labirinto não é apenas um ato físico, mas também um mergulho em territórios desconhecidos da mente e da sociedade. A dimensão filosófica do labirinto, a sua representação mitológica e a sua simbologia arquitetónica oferecem uma rica analogia às complexidades da modernidade líquida de Zygmunt Bauman.

No plano filosófico, o labirinto está profundamente associado à busca pelo conhecimento e ao confronto com a própria existência. Para os gregos clássicos, a figura do labirinto não era apenas uma construção engenhosa, mas uma alegoria das escolhas e dilemas que moldam a vida humana. O ato de entrar num labirinto é mais significativo do que o de sair, porque reflete a disposição de enfrentar o desconhecido, de desafiar as próprias limitações e de se aventurar em territórios onde o controlo é ilusório. Nessa perspetiva, o labirinto uma metáfora para a condição humana; a busca incessante por sentido em meio às complexidades da vida.



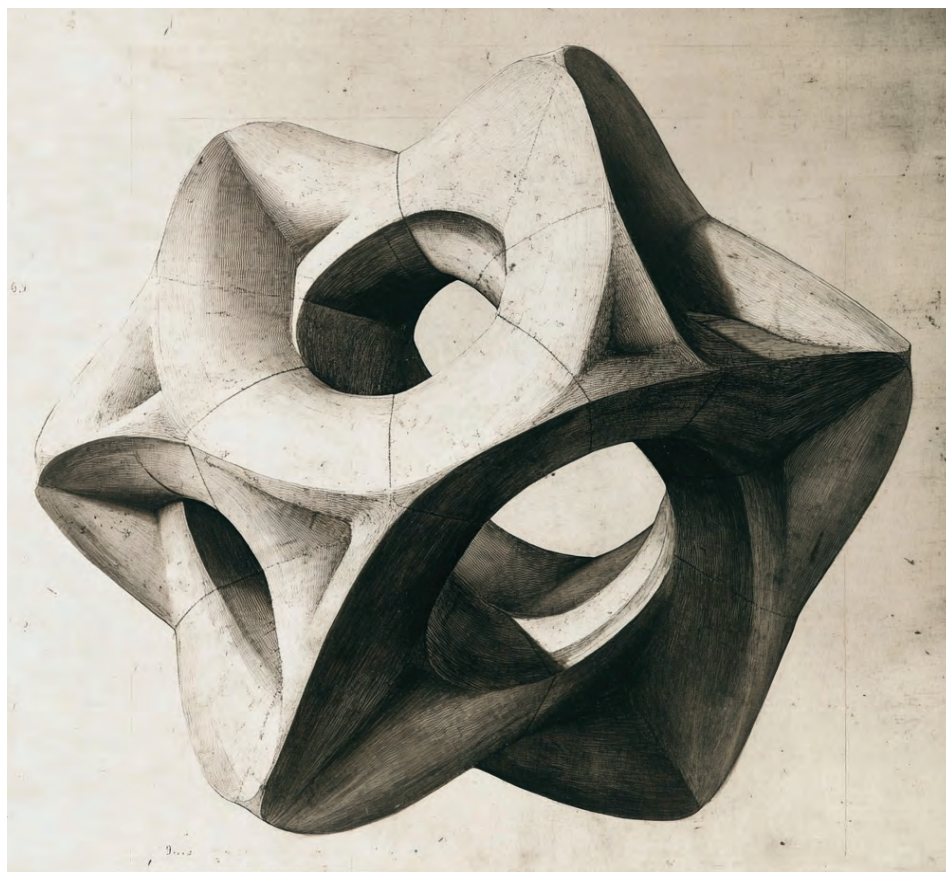
Mitologicamente, o labirinto está profundamente ligado à narrativa do Minotauro em Creta. Construído por Dédalo para esconder e preservar a besta, o labirinto era tanto um lugar de aprisionamento quanto um desafio para aqueles que ousavam enfrentá-lo. A história de Teseu, que quis e conseguiu derrotar Minotauro com ajuda do fio de Ariadne, simbolizava a superação dos medos mais profundos e das forças que nos mantêm presos. No entanto, o verdadeiro triunfo de Teseu não está apenas em sair do labirinto, mas ter tido a coragem de nele entrar, sabendo que jornada seria incerta e perigosa. Esse elemento mitológico ecoa a ideia de que, na vida, o crescimento e a transformação muitas vezes requerem que enfrentemos nos nossos profundos labirintos.

Arquitetonicamente, os labirintos foram concebidos não apenas como manifestações simbólicas de ordem e caos. Presentes em catedrais medievais, como os celebrados labirintos em pisos de igreja, serviam como uma forma real de meditação e reflexão, enfatizando o processo mais que o destino. Essa simbologia arquitetônica também pode ser vista como um reflexo da complexidade social e cultural; estruturas intrincadas que representam os desafios da navegação nas redes comunicantes.

Na modernidade líquida, no conceito de Zygmunt Bauman, o labirinto ganha novas camadas de significado. Bauman descreve a modernidade como uma época de constante mutação, onde os antigos pontos de referência foram substituídos por fluxos e incertezas. Nessa ótica, a via contemporânea assemelha-se a um labirinto sem centro ou saída inequívoca, em que os indivíduos precisam de continuamente de adaptar-se a novas configurações. Entrar nesse 'labirinto social' implica aceitar a fluidez e a imprevisibilidade como condições inevitáveis da existência. Assim como no labirinto clássico, o foco desloca-se da saída para o percurso, para as escolhas feitas e as aprendizagens adquiridas ao longo do caminho.

O valor do labirinto para a modernidade, está na sua capacidade de nos ensinar sobre a resiliência, adaptação e aceitação da complexidade. Lembra-nos que, em vez de procurarmos respostas rápidas ou fáceis saídas, podemos e devemos abraçar a variedade e riqueza da jornada e encontrar significado nas curvas e desvios. O labirinto é uma poderosa metáfora para a vida contemporânea, uma experiência que exige coragem para entrar, humilde para se perder e sabedoria para crescer ao longo do caminho.

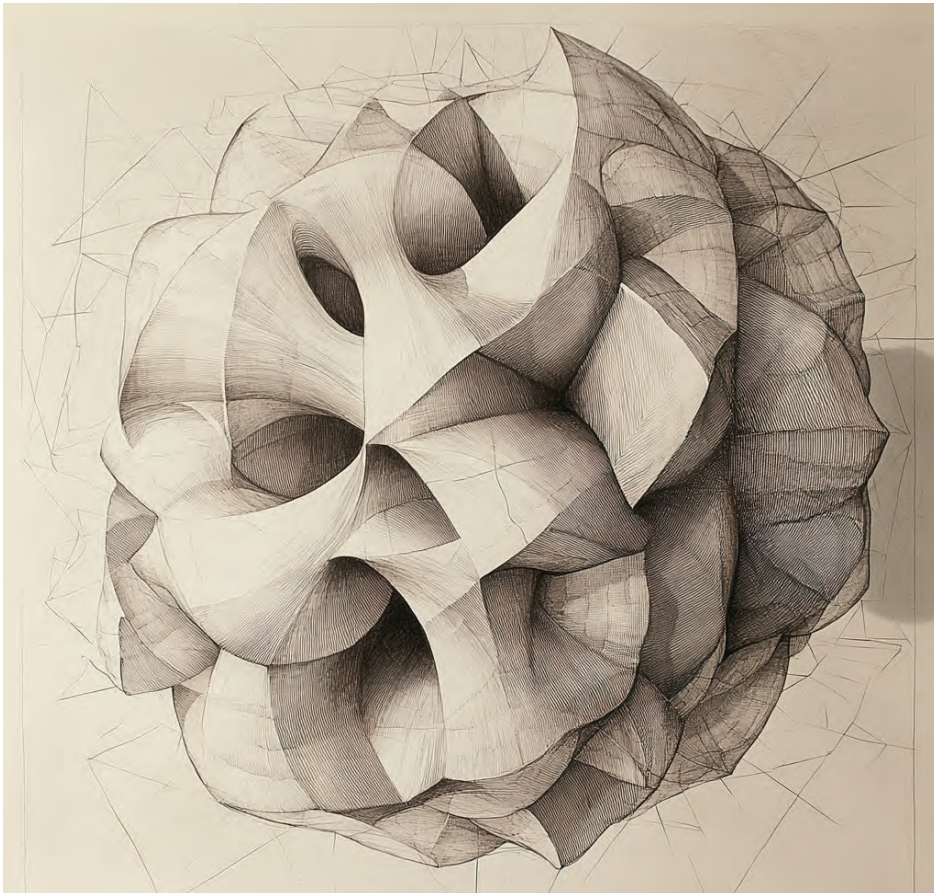




Esta reflexão pode ser ampliada ao explorarmos as relações entre as formas topológicas e matemáticas de M.A. Armstrong e as ideias psicanalíticas de Jacques Lacan, alinhando-se num fio histórico de Le Corbusier a Frank Ghery e à leitura filosófica de Byung-Chul Han. Na topologia, a preocupação central é com as propriedades de um espaço que permanecem inalteradas sob transformações contínuas.

Armstrong explora como superfícies e formas podem ser deformadas pelo exercício de uma força, sem perderem a sua identidade estrutural, o que ecoa com as noções lacanianas de superfícies como os toros e a banda de Moebius, usadas para mapear o psiquismo humano. Essas estruturas sugerem que o sujeito é intrinsecamente moldado por tensões e continuações que se torcem sobre si mesmas, um paralelo com a maneira com que Le Corbusier desenhou a Igreja de Saint Pierre em Firminy; um espaço que é tanto sagrado quanto uma experiência geométrica.

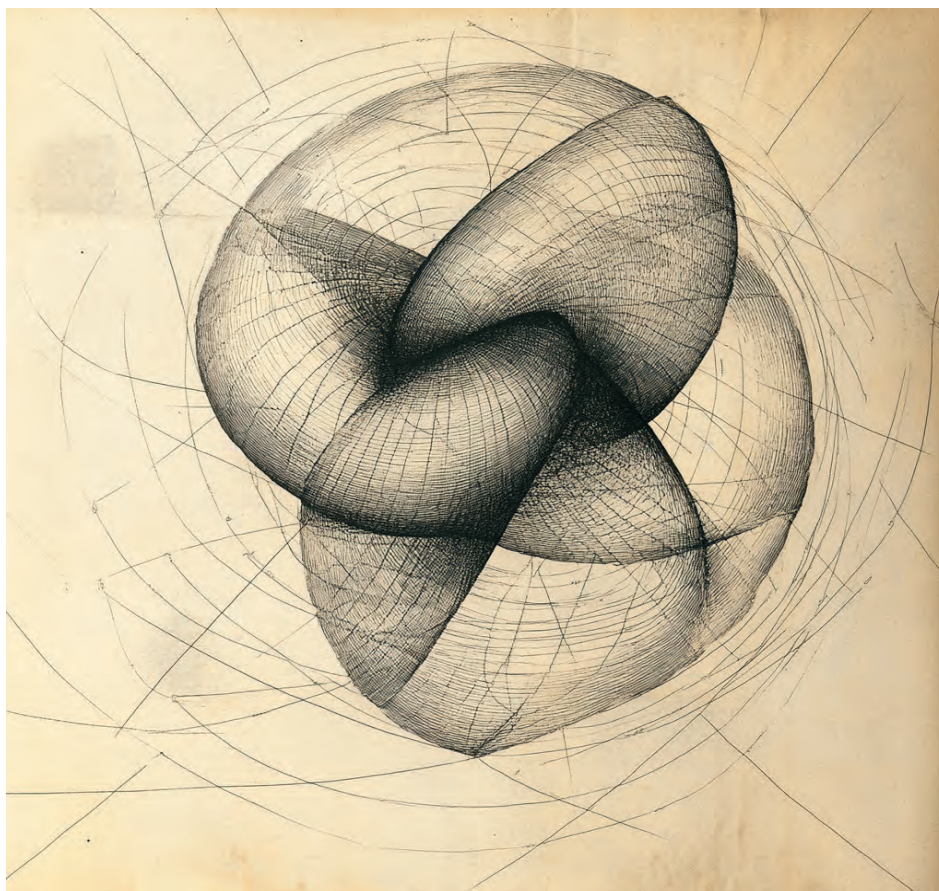




Le Corbusier incorpora as formas topológicas, não apenas como exploração estética, mas como uma linguagem arquitetônica que articula continuidade e ruptura. Do mesmo modo, Frank Gehry, com as formas fluidas e curvas aparentemente imprevisíveis, exemplifica uma abordagem à arquitetura que abraça o caos controlado e o dinamismo mecânico. Esse jogo entre continuidade e transformação é uma ponte com as ideias de Byung-Chul Han sobre a topologia do poder, em que discute como as relações humanas e sociais, sob a pressão da modernidade digital, estão cada vez mais moldadas por uma fluidez que dissolve fronteiras tradicionais.

A conjuntura de Poincaré, cuja prova revolucionou a topologia, desempenha um papel central na compreensão dos sólidos topológicos fundamentais e na fundamentação de movimentos arquitetônicos como o desconstrutivismo e a arquitetura para métrica.





Poincaré postulou que qualquer variedade tridimensional fechada e simplesmente conexa é homeomorfa a uma esfera tridimensional. A prova, desenvolvida por Grigori Perelman, abriu novas possibilidades de representação de formas e superfícies, permitindo que arquitetos e engenheiros explorassem novas dimensões de design.

O desconstrutivismo, na rejeição de formas regulares e óbvias, encontra inspiração nessas bases matemáticas, utilizando a topologia como meio para criar estruturas que se avançam para além do conhecido. A arquitetura digital e paramétrica, amplamente influenciada por ferramentas computacionais, aplica os princípios topológicos para gerar espaços dinâmicos, fluidos e consequentes, que utilizam a topologia para transformar o modo como percebemos forma, espaço e tempo, conectando avanços matemáticos ao cotidiano através da arquitetura.





O último sentido da arquitetura para a sociedade futura está profundamente ligado à capacidade de imaginar espaços e formas que se assumam belos, complexos, integrem tecnologia, sustentabilidade e o sentido de uso pleno.

Num mundo cada vez mais fragmentado, globalizado e digitalizado, a arquitetura pode assumir o papel de ponte da memória da alma, da memória vegetal e da memória mineral, nas palavras de Humberto Eco. Na filosofia do nosso tempo, marcada por reflexões sobre a condição pós-humana e os impactos ecológicos, a arquitetura é chamada a projetar espaços que não apenas abriguem, mas inspirem e conectem. Espaços fluidos, formas flexíveis, adaptáveis, flexíveis, belas, que se tornam inclusivas e essenciais para enfrentar os desafios do futuro, que encarnam a diversidade e a complexidade das sociedades contemporâneas.





(S = P + A + P)



A ideia de progresso pelos arranha-céus

Os arranha-céus tornaram-se ao longo do século XX e no século XXI, símbolos supremos do progresso tecnológico, económico e cultural das sociedades. Representam não apenas avanços substanciais na arquitetura e na engenharia, mas também as aspirações coletivas de modernidade, poder, e status. Em particular, estes edifícios refletem o ethos das sociedades emergentes e encontram justificação na filosofia da sociedade industrial de concentração de capital e de consumo de Gilles Lipovetsky, que interpreta a modernidade como uma busca incessante por novidade, espetáculo, superação e individualismo dentro de um quadro de uma capitalismo avançado.





Os arranha-céus são um triunfo da engenharia, demonstrando a capacidade humana de superar limites naturais. Desde o Empire State Building de 1931 que cada novo marco em altura, reflete avanços em materiais, design estrutural e superação, exemplifica a ideia de progresso técnico. Os arranha-céus tornam-se ícones culturais, criando identidades visuais para cidades e nações. Ao competirem pela construção mais alta ou mais desafiadora, há o desejo de posição como liderança. Lipovetsky argumenta que a sociedade contemporânea é definida por uma lógica de consumo onde o espetáculo, a inovação e o desejo de satisfação individual ocupam o centro das relações sociais e económicas. A sociedade de consumo valoriza o novo e original; a constante busca por arranha-céus mais altos, desafiadores e tecnológicos reflete essa obsessão pela inovação. Os arranha-céus com os seus designs futuristas e uso anunciado de tecnologias, evidenciam como uma modernidade, promove uma ideia de progresso associado a inovações.

Na sociedade de consumo, o prestígio é uma motivação central. Os arranha-céus contribuem para o sky line que reflita a competição feroz entre entidades. Os arranha-céus ilustram a globalização cultural e económica, uma característica central da sociedade de consumo descrita por Lipovetsky e da sociedade do espetáculo descrita Mário Vargas Llosa, que critica o domínio da imagem e da aparência na sociedade, onde o espetáculo substitui o conteúdo e a profundidade. Os arranha-céus, nesse contexto, exemplificam o poder da estética e da exibição pública no imaginário coletivo. Para países em desenvolvimento, a construção de arranha-céus simboliza a ascensão ao palco global, representam a transformação de economias periféricas em potências regionais. Embora sejam símbolos de progresso, na lógica da sociedade de consumo, são marcados pela ideia de mercantilização de tudo o que a sociedade oferece.

A ideia de progresso dos arranha-céus, na doutrina do progresso de Thomas Khun, ocorre num contexto em que não sendo linear, mas ocorre através de mudanças paradigmáticas que revolucionam a ciência e a tecnologia, os arranha-céus essa evolução paradigmática na arquitetura e engenharia. Os arranha-céus são manifestações arquitetónicas que encapsulam a ideia de progresso.





No século XX e XXI, o exemplo mais visível e desejado da ideia de progresso. Pela perspectiva de Thomas Khun, os arranha-céus simbolizam mudanças paradigmáticas na tecnologia, economia, urbanismo, especialmente em sociedades emergentes. Simultaneamente, na ótica de Mario Vargas Llosa, os arranha-céus são o grande produto da sociedade do espetáculo, onde a imagem de progresso, inacessibilidade, luxo e modernidade se torna tão ou mais importante do que a sua substância. Os arranha céus não são apenas estruturas físicas, mas manifestações simbólicas como as sociedade entendem, representam e aspiram ao progresso.





Arquitetura e Filosofia em progresso

A arquitetura é a concretização pétrea e a imagem formal das sociedades, uma manifestação tangível das filosofias, crenças e valores de cada época. Ao longo da história, a arquitetura refletiu as aspirações políticas, culturais e espirituais de diferentes civilizações, moldando todo o ambiente físico e as relações sociais e os ideais de progresso. A grandiosidade dos templos romanos, foram mais que a expressão da habilidade técnica, a *firmitas*, mas o testemunho da organização política e da visão do seu mundo nesse mundo imperializado. De modo semelhante, a elevação gótica, não foi uma mera premissa da evolução técnica das ogivas e arcos botantes, para ser a busca pela transcendência espiritual e consolidação do poder da Igreja.





No contexto moderno, o modernismo e desconstrutivismo não só desafiaram as convenções estéticas, mas provocaram reflexões sobre o papel da arquitetura na promoção de uma sociedade mais funcional, igualitária e inovadora.

A influência da arquitetura vai além da mera construção dos espaços e formas, molda o modo como as pessoas interagem, promovendo o sentido de comunidade ou, reforçando divisões sociais. Nas cidades contemporâneas, os arranha céus e as praças urbanas, tanto refletem as ambições capitalistas quanto as tensões sociais de uma era marcada pela desigualdade, pelo desperdício e pelo acesso desigual aos recursos. A arquitetura tem também o poder de influenciar a política e o sentido de progresso, concretizando espaços que incentivam o diálogo, a inclusão e a sustentabilidade. Projetos de eco cidades e urbanizações, edifícios sustentáveis e comunidades planejadas, exemplificam como o sentido de arquitetura pode liderar o caminho em direção a um futuro mais equitativo, consciente e sustentável.

O último sentido da arquitetura para a sociedade futura está profundamente ligado à capacidade de imaginar e conceber espaços que integrem beleza, tecnologia, sustentabilidade e um sentido de comunidade. Num mundo muito fragmentado e digital, a arquitetura pode assumir o papel de ponte entre o humano e o tecnológico, entre o local e o global. Na filosofia do nosso tempo, marcada pela reflexão sobre a condição pós-humana e os impactos ecológicos, a arquitetura é convocada a projetar espaços que não apenas abriguem. Mas também inspirem e conectem. Espaços fluidos, flexíveis, adaptáveis e inclusivos tornam-se essenciais para enfrentar os desafios de um próximo futuro, concebendo ambientes que incorporem a diversidade e a complexidade da sociedade contemporânea.

De um tempo de uma corporização da vontade hierárquica e estática do mundo, onde a harmonia e a ordem eram princípios fundamentais, evoluiu-se para o escolatismo e espiritualidade, com uma forte entre fé e razão, e, para um humanismo e racionalidade, como foco no potencial humano. A contrarreforma e o absolutismo utilizaram a arquitetura como instrumento de propaganda, e, o racionalismo e funcionalismo, conferem ao foco na eficiência e no progresso técnico, a sua razão.



Por agora, o pós-modernismo assume na flexibilidade, o rácio entre a inovação tecnológica e a necessária sustentabilidade. A arquitetura molda e é moldada pelas dinâmicas políticas, sociais e filosóficas de cada era, legitimando-se como um testemunho perene da interação entre a humanidade e o mundo criado na natureza transformada.





Arquitetura, ensino e IA

A relação entre uma universidade, de ensino de arquitetura e a revolução digital pela inteligência artificial na sociedade atual pode ser muito frutífera, pois a IA está a transformar diversos aspetos do campo do ensino universitário, desde o design até à construção e a gestão de projetos. A exploração de novas ferramentas de conceção, podendo a IA ser utilizada em softwares para gerar formas inovadoras, simular estruturas e criar soluções arquitetónicas baseadas em parâmetros definidos pelo arquiteto. Algoritmos de IA podem analisar padrões e sugerir soluções baseados em eficiência energética, sustentabilidade ou estética.





As universidades podem explorar as implicações éticas da IA na profissão, incluindo questões como a autoria criativa, impacto social e igualdade tecnológica. A universidade pode promover colaborações entre departamentos de arquitetura criando um ambiente fértil para a inovação e a vanguarda.

A otimização de projetos afeta-se a soluções de escolha de materiais, estruturas e custos, possibilitando criar projetos mais eficientes, sustentáveis e económicos. A otimização pode ser particularmente útil para planeamento de infraestruturas e equipamentos de larga escala onde a análise de dados em grande volume é necessária.

A arquitetura paramétrica utiliza algoritmos de scripts para criar designs complexos e dinâmicos. As universidades podem integrar disciplinas focadas em explorar IA para expandir as possibilidades neste campo. A IA pode melhorar o modo como os estudantes de arquitetura visualizam os seus projetos, através de renderizações realistas, realidade aumentada e até simulações de uso espacial. Simulações como o comportamento da luz natural em diferentes épocas do ano ou a intensidade de circulação de pessoas em edifícios e espaços públicos podem ser geradas por IA.

A construção automatizada em tecnologias como a impressão 3D e a robótica, estão a afetar o modo como os edifícios são construídos, sendo que as universidades exploram como tal pode ser integrado no ensino e prática.

A IA pode auxiliar na digitalização e preservação de patrimónios históricos, modelando edifícios existentes e analisando as suas condições para restauro. Modelos de machine learning podem ajudar a prever os efeitos do tempo e das mudanças climáticas sobre os edifícios com as possíveis consequências. Com o advento da Internet das Coisas IoT, a IA pode ajudar a projetar edifícios inteligentes que se ajustem dinamicamente às necessidades dos utilizadores, ajustando iluminação, temperatura e sistemas de segurança.





Estudantes e professores podem usar a IA para analisar grandes volumes de dados sobre urbanismo, comportamento humano, uso de materiais para criar pesquisas inovadoras no campo da arquitetura. Essa interação pode gerar um impacto profundo tanto no ensino quanto na prática da arquitetura, preparando os alunos para um futuro onde a tecnologia desempenha um papel central, a par da dinâmica exigida pela sociedade Flexiexistencialista.

O trabalho do arquiteto permanecerá sempre como o profissional de excelência na fabricação dos espaços e formas que dão expressão às sociedades: o trabalho contínuo da pedra bruta para com a identidade, a intuição, a intenção, o interesse, a importância, o impacto, contra a indiferença.





Arquitetura reparadora e redentora

A arquitetura tem o poder de se tornar uma entidade reabilitadora e redentora para sociedades e cidades devastadas, por guerra conflitos ideológicos ou fundamentalismos e dogmatismos. Ao longo da história do Mundo, a reconstrução arquitetónica não foi apenas um ato físico, mas também e sobretudo um processo simbólico e social de cura, renovação, transformação e progresso. No contexto do século XXI, marcado até agora pela afirmação e progressão da modernidade líquida na sociedade Flexiexistencialista, a arquitetura deve adotar novos princípios que respondam à fluidez, pluralidade e necessidade de inclusão, proporcionando um futuro mais qualificado e resiliente.





A reconstrução após conflitos, tenta muitas vezes meticulosamente restaurar o passado, num ato de resistência cultural, resgatando a memória coletiva e devolvendo aos cidadãos um sentido e pertença. A arquitetura reabilitadora transcende a mera funcionalidade ao trabalhar como um modo de reconciliação entre o passado traumático e a esperança futura.

Edifícios e espaços públicos podem atuar como símbolos de união em sociedades fragmentadas; a arquitetura pode transformar dor em espaços de reflexão e diálogo, promovendo uma reconexão emocional e social. Em sociedades marcadas por divisões ideológicas, a arquitetura pode conceber espaços neutros e inclusivos que fomentem o diálogo e a conciliação.

No papel da filosofia contemporânea na arquitetura, o conceito da modernidade líquida, proposto por Zygmunt Bauman, descreve um mundo em constante mudança, onde estruturas fixas e sólidas, são substituídas pela fluidez e adaptabilidade das novas instituições, em que a arquitetura de ser um valor de respeito pelas diferenças e promovam a interação, de modo a atenuar sentimentos de violência e atenuem o conflito. No século XX, a arquitetura deve ir além da técnica e da funcionalidade, para ser uma força ativa de transformação social. Há um valor de sustentabilidade e resiliência, em que edifícios projetados para resistir a desastres naturais e conflitos, usando materiais reciclados e recicláveis, simbolizem um compromisso com o futuro, que deve acomodar espaços adaptáveis, comprometidos com a sociedade e capazes de promover o concílio entre forças antagónicas na sociedade.

A arquitetura redentora deve abordar o trauma social, transformando ruínas em locais de memória e inspiração; isso reflete o espírito Flexiexistencialista de resiliência e capacidade de incorporar e adsorver o embate de forças beligerantes. Inspirada pela modernidade líquida, a arquitetura deve incorporar fluidez, adaptabilidade e diálogo, desafiando as divisões rígidas e propondo o possível entendimento global.

A arquitetura tem o potencial de não apenas reconstruir cidades destruídas, mas também reabilitar as relações humanas e redimir sociedades fragmentadas. Num mundo marcado pela modernidade líquida



e pela sociedade Flexiexistencialista, o futuro da arquitetura reside na sua capacidade de integrar memória, sustentabilidade, flexibilidade e inclusão. Este caminho não é apenas uma resposta aos desafios do presente, mas a possibilidade de construir pontes para um futuro mais qualificado, onde a reconciliação e a renovação são os alicerces de um novo modo de habitar o mundo, tão dilacerado pelos conflitos presentes e os que se avizinham.

Recorde-se o que Lebbeus Woods leu em voz alta nos degraus do Museu Olímpico de Sarajevo, incendiado a 26 de novembro de 1993:

'Arquitetura e guerra são inseparáveis. Arquitetura é guerra, guerra e arquitetura. Estou em guerra com o meu tempo, com a história, com os poderes congelados na imobilidade e no medo. Sou um dos milhões daqueles que estão desconfortáveis, que não tem lar, sem família, isso, doutrinas, nada estável e estável que pudesse ser chamado de 'propriedade', não tem começo nem fim, não tem solo sagrado e primordial,

Declaro guerra a todos os ícones e tradições, a todas as histórias que me prenderiam numa teia de erros, os meus medos miseráveis. Conheço apenas os momentos e fragmentos do fluxo da vida, conheço apenas as formas que dolorosamente nascem e imediatamente se dissolvem no ar. Sou um arquiteto, um criador de mundos, um sensualista que cultiva a forma, a é melodia, a silhueta contra o fundo do céu escuro. Eu não sei o seu nome. Tu não sabes o meu. Amanhã vamos começar a criar a cidade juntos.'

Woods formulou três princípios possíveis para uma abordagem arquitetónica para com cidade devastadas pela guerra;

Princípio #1 – *restauração ao estado pré guerra;*
princípio #2 – *demolição de edifícios danificados e construção de novos com a mesma função no local da ruína;*
princípio #3 . *criar o novo a partir do velho danificado.*





O seu princípio #3 é o mais adequado; apesar de Woods sempre ter sido apelidado de oponente do idílio utópico, as suas atividades no âmbito da arquitetura sempre experimental nos locais de guerra, criou uma premissa que tem ensinado uma possibilidade de reparação permeada de humanismo e do sonho de uma sociedade mais justa e menos cruel. Porque tem de haver memória, esperança e progresso. A minha sincera homenagem a uma vida plena de valor e sentido, que na estetização da violência, há um contexto humano mais amplo sem que se explore a trágica condição humana. A arquitetura pode ser reparadora e redentora. Haja mais luz nas nossas vidas, mais ética e moralidade, e sobretudo respeito e capacidade de conciliação.





Identidade, Inteligência, Intuição: o trio maravilha

A inter-relação entre intuição, inteligência e sabedoria constitui um tema central na reflexão filosófica e epistemológica, especialmente no contexto dos fatores humanos em sistemas de inteligência. Ancorada na trindade Aristotélica de gramática, lógica e retórica, a exploração como essas faculdades humanas se conectam à aquisição e utilização da informação, ao desenvolvimento do conhecimento e à construção da identidade é de toda a importância no contexto de uma nova realidade digital.

A intuição, frequentemente associada à compreensão imediata e não discursiva, desempenha um papel crucial na seleção de informações num mundo saturado de dados. Esta faculdade, enraizada na experiência e na percepção sensível, reflete a dimensão gramatical do pensamento, pois é através da “gramática” das experiências vividas que se





organizam os padrões intuitivos. Num sistema de inteligência artificial, a intuição humana pode complementar as capacidades algorítmicas, fornecendo insights que transcendem o processamento linear.

Por outro lado, o uso da inteligência para transformar informação em conhecimento é um processo fundamentalmente lógico. A lógica Aristotélica, enquanto estrutura formal do raciocínio, é a base para a organização e a validação dos dados, garantindo que as conclusões derivadas sejam coerentes e sustentáveis. No contexto humano, a inteligência não é apenas uma ferramenta cognitiva, mas também um meio de interpretação criativa e resolução de problemas complexos, onde a articulação entre dados objetivos e subjetividade se torna essencial.

A relação entre identidade e sabedoria, por sua vez, está profundamente vinculada à dimensão retórica do ser humano. A sabedoria não se limita ao acúmulo de conhecimento, mas implica um discernimento que transcende as regras rígidas da lógica e que é capaz de adaptar-se às circunstâncias, respeitando valores e contextos. Neste sentido, a identidade, como expressão única de experiências e princípios, fundamenta-se na habilidade retórica de comunicar ideias, inspirar e influenciar, consolidando-se como um elemento essencial para a tomada de decisões sábias.

No contexto da modernidade líquida, como a descrita por Zygmunt Bauman, o cenário de produção e circulação de informação, torna-se exponencialmente mais dinâmico e fluido. Essa condição ressalta a volatilidade e a efemeridade dos dados, impondo desafios adicionais ao processo de seleção e interpretação. A intuição, nesse cenário, ganha ainda mais relevância como uma ferramenta para discernir padrões e significados em um fluxo constante e mutável de informações. Por sua vez, o ideal de progresso constante, conforme explorado por Thomas Kuhn, nos lembra que o desenvolvimento do conhecimento não segue uma trajetória linear, mas ocorre por meio de rupturas paradigmáticas. Essa visão desafia a ideia de acumulação contínua e exige uma abordagem crítica para avaliar as transições e os limites do que consideramos avanço.

Além disso, a sociedade de consumo e da gratificação imediata, descrita por Gilles Lipovetsky, exerce uma influência significativa sobre o modo como a informação é produzida, distribuída e consumida. O acesso





instantâneo e gratuito a dados, muitas vezes promovido por plataformas digitais, reflete a busca incessante por satisfação rápida e efêmera. Essa dinâmica está intimamente ligada à projeção da sociedade do espetáculo, conforme enunciada por Mario Vargas Llosa, onde a aparência e a superficialidade frequentemente substituem a profundidade e a reflexão. Neste cenário, a informação não é apenas um recurso, mas também um espetáculo mediático que molda identidades e percepções sociais.

Adicionalmente, a consolidação da modernidade líquida, também se reflete na emergência de uma sociedade flexiexistencialista, onde os indivíduos são compelidos a adaptar-se constantemente às transformações sociais e culturais. Esse dinamismo é igualmente evidente no campo da arquitetura, que desempenha um papel central na confirmação do seu valor formal enquanto expressão do contexto social em constante mudança. A arquitetura, ao integrar funcionalidade e estética, torna-se uma metáfora tangível da fluidez da modernidade e da necessidade de reconfiguração contínua de estruturas físicas e simbólicas. Assim, a valorização formal da arquitetura destaca a capacidade humana de traduzir ideias abstratas em realidades materiais que dialogam com as demandas e os desafios do presente.

O equilíbrio entre essas três dimensões é essencial para os sistemas de inteligência humana, especialmente num cenário onde a inteligência artificial cresce exponencialmente. Enquanto a gramática da intuição permite identificar padrões invisíveis, a lógica da inteligência garante consistência analítica, e a retórica da sabedoria assegura que as ações derivadas sejam éticas e eficazes. Assim, esses fatores humanos funcionam como pilares de um sistema integrado, permitindo não apenas a interação eficaz com as máquinas, mas também o fortalecimento da autonomia e da dignidade humanas.

Portanto, relacionar intuição, inteligência e sabedoria não é apenas uma tarefa teórica, mas um exercício prático de articulação entre dimensões gramaticais, lógicas e retórica do pensamento. Num mundo marcado pela complexidade e pela incerteza, é imperativo reconhecer que a integração dessas faculdades constitui a essência da condição humana e a chave para um futuro onde a tecnologia sirva à humanidade em toda a sua plenitude.





(S = P + A + P)



Ilustrações geradas pelo programa Midjourney, baseadas no texto desenvolvido, no entendimento de breves interesses sobre a história, memória, complexidade, transversalidade e valor maior da arquitetura nas sociedades.



